
Editor EJ|USA

IIP/CD/WC

Departamento de Estado dos EUA

2200 C Street, NW

Washington, DC

20522-0501 USA

e-mail: ejusa-suggestions@state.gov

Inscrição ISBN 978-1-625-92050-8**ISBN individual** 978-1-625-92124-6

Departamento de Estado dos EUA**Bureau de Programas de
Informações Internacionais****Coordenadora em exercício do IIP**

Maureen Cormack

Editor executivo

Nicholas S. Namba

Diretor de Conteúdo Escrito

Michael Jay Friedman

EQUIPE EDITORIAL**Editora-gerente**

Elizabeth Kelleher

Gerente de Projeto e Produção

Michelle Farrell

Editores

MacKenzie Babb, Kourtni Gonzalez,

Lauren Monsen, Mark Trainer,

Andrzej Zwanecki

Designers

Lisa Jusino, Julia Maruszewski,

Lauren Russell

Ilustrador

Marcos Carvalho

Redatores colaboradores

Momo Chang, Christopher Connell,

Laura Haugen, Michael Kozak

PUBLISHER

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica a revista eletrônica EJ|USA. Cada edição fornece aos leitores internacionais reflexões sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada edição de EJ|USA é publicada nos formatos impresso e eletrônico em inglês e também pode estar disponível em um ou nos dois formatos em árabe, chinês, francês, persa, português, russo, espanhol e outros idiomas. Cada edição é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas na EJ|USA não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas edições da EJ|USA; a responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos da EJ|USA podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos. As fotografias e ilustrações podem ser reproduzidas se não tiverem restrições explícitas de direitos autorais. Se estiverem protegidas por direitos autorais, é necessário pedir permissão aos detentores dos direitos mencionados em cada edição.

EJ|USA

A Coca-Cola Company, por meio da Aliança para a Água e o Desenvolvimento na África do Sul, ensina alunos sobre a conservação de recursos hídricos



Outubro de 2013

consciência empresarial

ESPECIAL

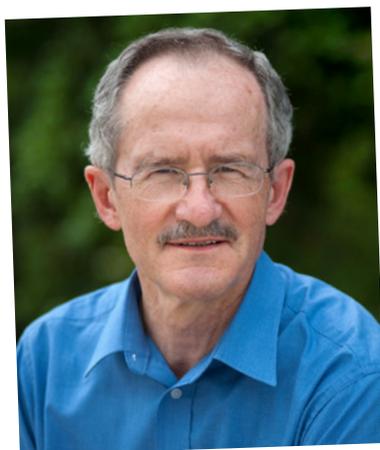
- 18 UM CORAÇÃO PARA OS NEGÓCIOS**
A geração do bem, Revolucionários de amanhã, Quem tem razão?, Pequenos negócios em um círculo virtuoso

Departamentos

- 3 INSTANTÂNEOS DOS ESTADOS UNIDOS**
Música suave é mais segura para dirigir, País da pizza? Outubro na história dos EUA, Vestida para assustar
- COMUNIDADES**
- 4** O edifício mais grandioso de Nova York
8 Gentileza cibernética
- 10 EDUCAÇÃO**
Faculdades comunitárias oferecem caminho para o sucesso
- 12 MERCADO**
Aplicativos deixam de ser diversão para ser coisa séria
- 14 CIÊNCIA**
Na liderança da carga elétrica
- 16 PAZ E SEGURANÇA**
Anatomia da liberdade de expressão
- 26 ARTES**
Olá, amantes da arte
- 30 LAZER**
Mágica, imortal e para adolescentes
- 32 MICHAEL KOZAK: ÚLTIMA PALAVRA**
Com a boca no trombone
- 33 RECURSOS**
Tudo sobre inglês e Ligando os pontos



Meu negócio (e o seu)



CORTESIA: KENNETH WHITE

Nunca tive uma empresa nem trabalhei em uma grande empresa (algo que todo o setor privado e a minha família deveriam agradecer). Mas como repórter e editor, conversei com um número suficiente de donos, gerentes e executivos de empresas para perceber o quão drasticamente as atitudes das empresas mudaram em relação ao bem público no último meio século. Não poluir o meio ambiente e não atrapalhar a vida da comunidade local não é mais suficiente. Com a pressão das gerações mais jovens, grandes empresas inovadoras e empresas iniciantes menores, assim como qualquer empresário, estão buscando maneiras de proteger o meio ambiente, apoiar a comunidade local e melhorar as condições de trabalho.

Embora o conceito de responsabilidade social corporativa ainda seja um tanto quanto controverso, como mostra um debate na página 22, muitas empresas descobriram que a gestão responsável de seus ambientes pode ser um negócio inteligente e que “fazer bem fazendo o bem” motiva os funcionários. As histórias da matéria especial desta edição apresentam diferentes matizes da gestão empresarial e seus desafios e recompensas. As informações destas páginas me deixam com a forte impressão de que as contribuições das empresas para o bem público só continuarão a crescer.

Nesta edição, você também terá uma ideia do que está ocorrendo no mundo aquecido do desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis, sobre pesquisas promissoras que o ajudarão a carregar a bateria do seu celular mais rápido e sobre preservação da cultura, celebração da arte e combate ao discurso de ódio. É fácil perceber que o desejo de fazer um mundo melhor vai de vento em popa nos Estados Unidos. É um desejo que compartilhamos aqui na *EJ|USA*.

– Andrzej Zwaniecki

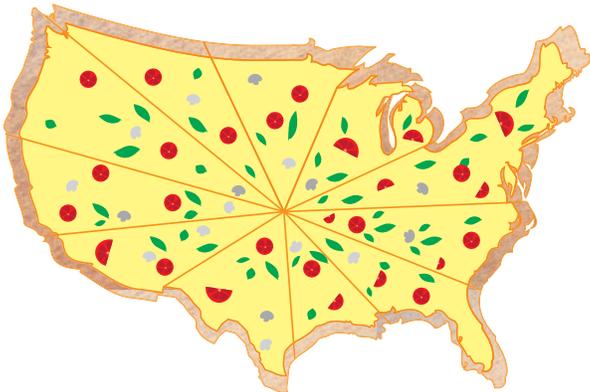
melhore seu **inglês**

e fique por dentro da **cultura americana!**



americanenglish.state.gov

País da pizza?



Se você acha que a pizza é típica da Itália, bem, pense mais uma vez. Os americanos consomem 3 bilhões de redondas por ano, ou cerca de 350 pedaços de pizza a cada segundo. Queijo e pepperoni são as coberturas mais populares. Depois que os italianos inventaram a pizza, ela foi introduzida nos EUA pelos imigrantes italianos no final do século 19. Desde então a pizza se transformou em alimento básico do cardápio das refeições americanas. A Lombardi's de Nova York, inaugurada em 1905, é considerada a primeira pizzaria dos EUA e, até agora, o estabelecimento desse tipo há mais tempo em funcionamento no país. A Filadélfia reivindica a criação do primeiro museu da pizza do mundo.

Outubro na história dos EUA

Henry Ford introduziu o Modelo T, o primeiro automóvel acessível aos americanos de classe média (1 de outubro de 1908).



FOTOS HISTÓRICAS DOS EUA ©AP IMAGES



A **Bolsa de Valores de Nova York** quebrou no dia que ficou conhecido como Terça-Feira Negra, dando início à Grande Depressão (29 de outubro de 1929).



©CONCPIX MUSIC ARCHIVE

Música suave é mais segura para dirigir

A música que as pessoas ouvem enquanto estão atrás do volante pode influenciar na segurança da direção.

Estudo da Universidade Metropolitana de Londres descobriu que músicas de ritmo rápido são as mais perigosas para ouvir ao volante. “Um andamento rápido pode levar as pessoas a acelerar para acompanhar a batida da música de forma subconsciente”, afirmou o psicólogo Simon Moore.

Artistas americanos dominaram as listas das dez melhores e piores músicas para os motoristas do estudo, com Norah Jones (na foto) encabeçando a lista de “melhores” com sua canção “Come Away With Me” e The Black Eyed Peas liderando a lista das “piores” com “Hey Mama”.

Vestida para assustar

Não conte com uma noite tranquila nos EUA em 31 de outubro. É quando as crianças, e cada vez mais adultos, celebram o Halloween, uma festa comemorativa que remonta aos tempos dos antigos celtas, sendo nos dias de hoje associada a seres de outro mundo e fantasias assustadoras. Aproximadamente 41 milhões de crianças usam fantasias e vão de porta em porta pedir doces aos vizinhos. Muitos adultos vão a “casas mal-assombradas” ou festas. Essas foram as cinco fantasias de Halloween mais populares entre os adultos no ano passado:



1. Bruxa



2. Vampiro



3. Pirata



4. Batman



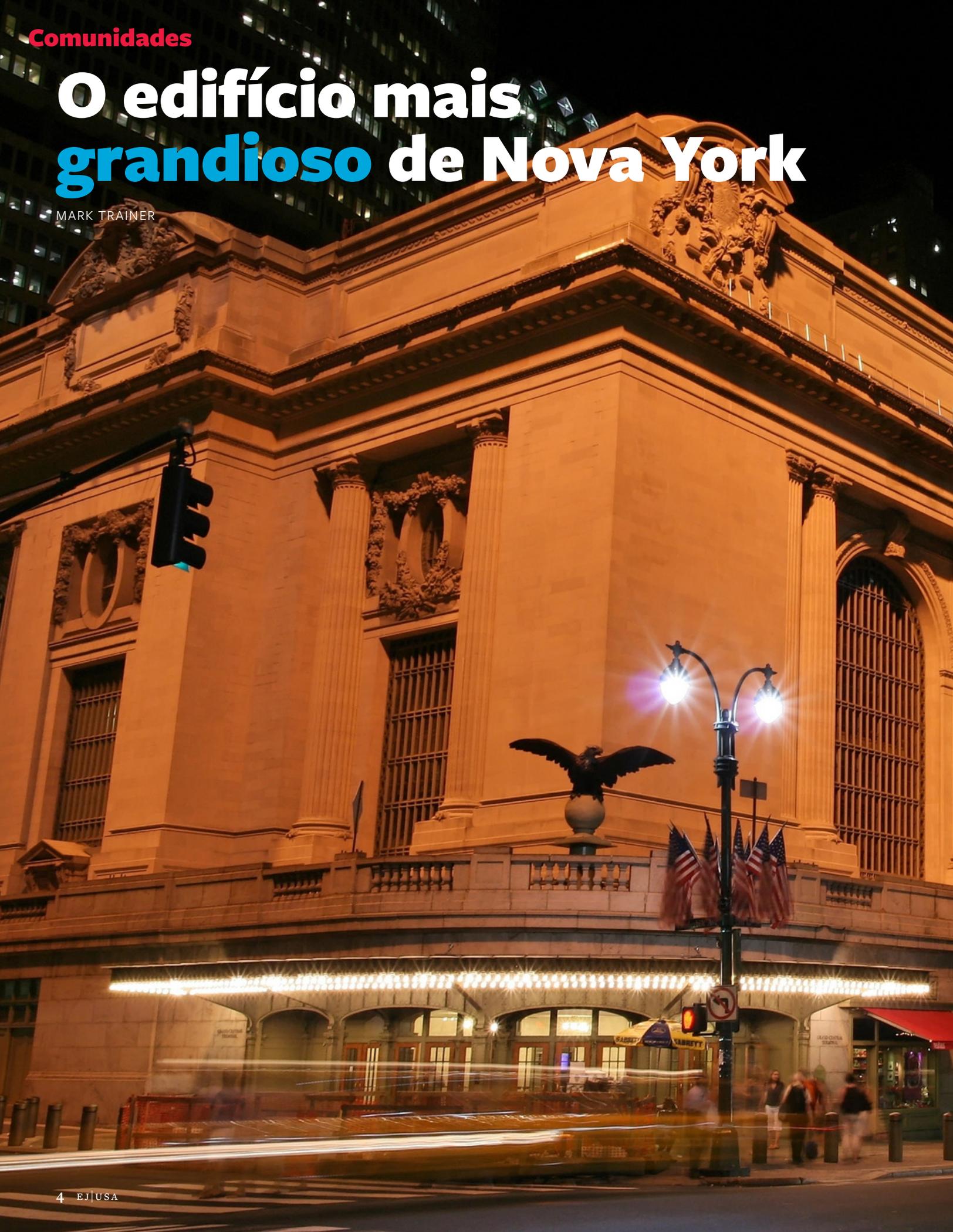
5. Zumbi

FONTE: FEDERAÇÃO NACIONAL DE VAREJO

©KAPRESKI/SHUTTERSTOCK.COM

O edifício mais grandioso de Nova York

MARK TRAINER





Localizado entre a Rua 42 e a Park Avenue em Midtown Manhattan, o terminal cobre quase 2 mil metros quadrados

Desde o início, tudo sobre o Grand Central Terminal de Nova York foi grande demais. A estação ferroviária, um dos maiores marcos da maior cidade dos Estados Unidos, completa cem anos este ano. É a sexta atração turística mais popular do mundo, atraindo 21 milhões de visitantes por ano.

Ao ser concluído em 1913, o gigantesco edifício em estilo Beaux-Arts era um palácio para o cidadão comum, uma porta de entrada igualitária para Nova York, com lustres dourados de cinco metros de altura; uma pintura mural do céu ocupando 7.620 metros quadrados no teto; e mais plataformas do que qualquer outra estação ferroviária do mundo (44). O

balcão de informações sob o famoso relógio de opala de quatro faces é há muito tempo um dos lugares mais populares de Nova York para encontrar um amigo.

Quando seu predecessor, o Grand Central Depot, foi inaugurado em 1871, o *New York Times* disse que não era muito imponente e tampouco suficientemente central. (Estava localizado na Rua 42, longe das partes mais movimentadas da cidade naquele tempo.)

Mas nas décadas seguintes à inauguração do novo Grand Central Terminal no mesmo terreno em 1913, hotéis, restaurantes e edifícios de escritórios foram surgindo ao seu redor. “A estação trouxe a área de Midtown para sua entrada”, disse Sam Roberts, autor de *Grand Central: How a Train Station Transformed America* [*Grand Central: Como uma Estação de Trem Transformou os Estados Unidos*]. “Ela deslocou todo o centro cultural de gravidade de Manhattan para a área de Midtown.”

O número total de trens e pessoas que a estação Grand Central podia abrigar tornou possível aos trabalhadores chegar de áreas afastadas de Nova York e voltar para casa a tempo de jantar. Novas cidadezinhas começaram a surgir em torno das estações mais distantes em Nova York e Connecticut. Quando os bilheteiros notaram o aumento do número de passageiros regulares, ofereceram um bilhete especial mensal, que dava desconto no preço da passagem se o pagamento fosse de ida e volta ou pago de uma vez e não a cada viagem. Os detentores desses bilhetes passaram a ser conhecidos como *commuters* (pessoas que viajam de casa ao trabalho e vice-versa constantemente), palavra que foi adotada em todos os países de língua inglesa.



©JUNE MARIE SOBRITO/SHUTTERSTOCK.COM



©EMINI KULIYEV/SHUTTERSTOCK.COM

A estação “é realmente como uma cidade”, disse Roberts. “Tem sua própria polícia, seu próprio esquadrão de emergência. Setecentos e cinquenta mil pessoas passam por ela em média em um dia da semana. Acho que nunca vi pessoas esbarrando umas nas outras. São como morcegos com sonar.”

O Grand Central Terminal mantém um número surpreendente de segredos para um lugar que está constantemente ocupado. Observe com atenção a pintura mural do céu e você perceberá que está ao contrário — um mal-entendido entre o astrônomo que fez o desenho do mural e os 50 pintores que o executaram. Conversores que fornecem corrente elétrica para os trens costumavam ficar guardados em um porão secreto sob o terminal que era o alvo de um plano de sabotagem de espões alemães na Segunda Guerra Mundial. Uma plataforma de trem tem uma entrada escondida e um elevador para o Waldorf Astoria Hotel, que deu ao presidente Franklin Roosevelt (e supostamente a muitos de seus sucessores) acesso discreto para entrar e sair da cidade. E, embora os relógios em todo o terminal sejam meticulosamente exatos, dizem que os trens partem exatamente um minuto após a hora anunciada para ajudar passageiros desorientados.

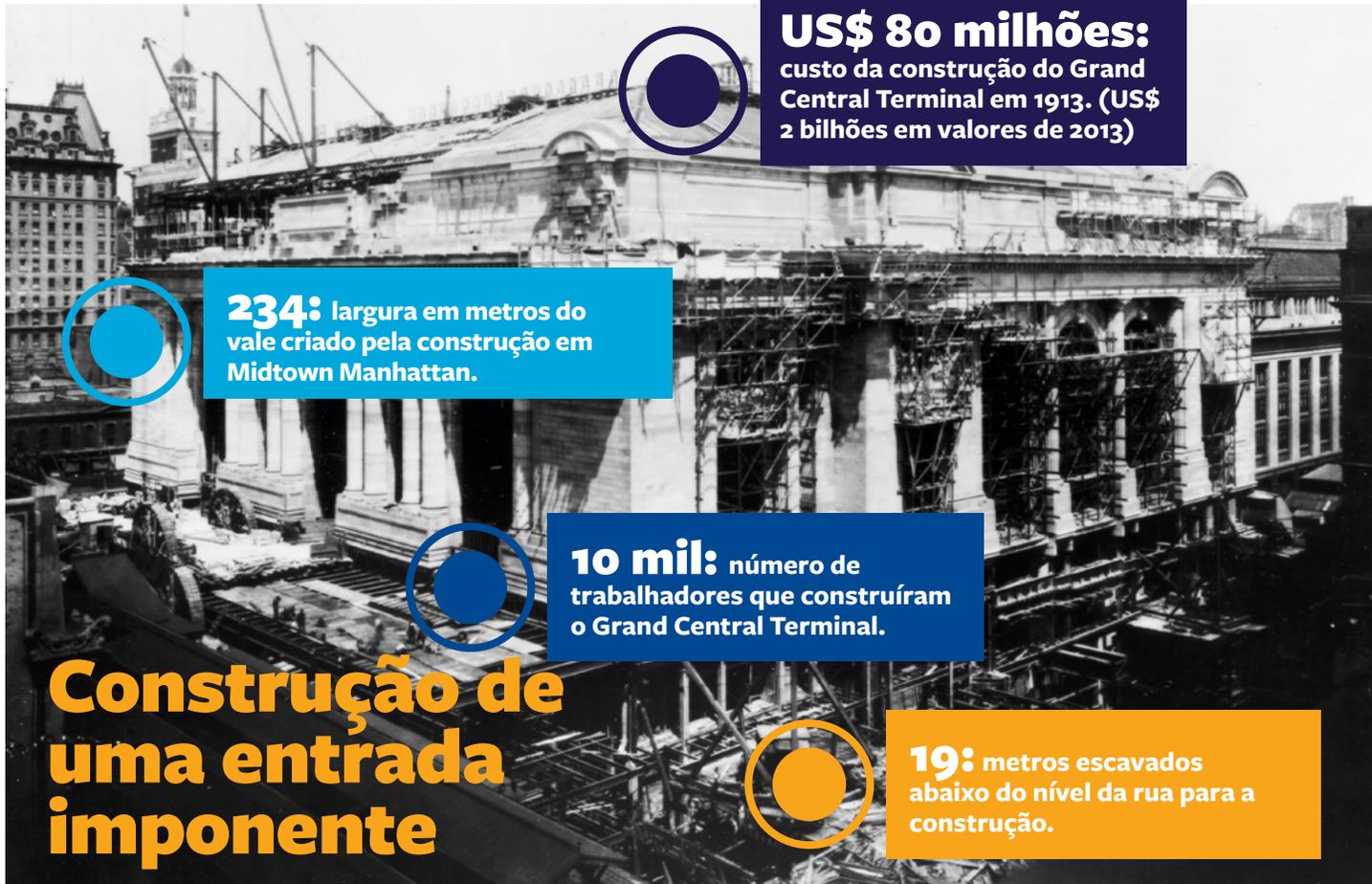
Hollywood frequentemente coloca a estação Grand Central em papel de coadjuvante. Cary Grant usa a estação para escapar de uma perseguição no filme *Intriga Internacional* de Alfred Hitchcock. É de lá que um grupo de animais do zoológico começa sua longa viagem no filme *Madagascar*, e seu bar de ostras é o ponto favorito dos executivos de propaganda inescrupulosos da série de televisão *Mad Men*.

O que há na estação Grand Central que a faz agigantar-se tanto na imaginação de cineastas, historiadores e visitantes?

“Ela evoca a cidade grande”, disse Roberts, “a cidade das oportunidades, a cidade de sonhos ilimitados — um lugar onde nada é previsível, inclusive seu próprio futuro”. ▣



©JOHANNA GOODYEAR/HUTTERSTOCK.COM



US\$ 80 milhões: custo da construção do Grand Central Terminal em 1913. (US\$ 2 bilhões em valores de 2013)

234: largura em metros do vale criado pela construção em Midtown Manhattan.

10 mil: número de trabalhadores que construíram o Grand Central Terminal.

19: metros escavados abaixo do nível da rua para a construção.

Construção de uma entrada imponente

LIGANDO OS PONTOS:
CIDADE DE NOVA YORK, NOVA YORK ●

©AP IMAGES

Gentileza cibernética

MOMO CHANG



Quando Eyal Hanfling criou a página de elogios “Whitman Compliments” no Facebook, não esperava a resposta impressionante que receberia dos colegas de classe.

Hanfling, então aluno da escola de ensino médio Walt Whitman em Bethesda, Maryland, inspirado por uma página similar da Universidade de Colúmbia no Facebook, criou a página em dezembro passado e, em alguns dias, recebeu quase 1.500 mensagens de elogios dos colegas e outros alunos.

A primeira página de elogios do Facebook foi criada por quatro mulheres da Universidade de Queen, no Canadá, em setembro de 2012. Desde então, pipocaram centenas de páginas similares, como a de Hanfling, com alguma ligação com uma escola. Também surgiram contas no Twitter. Uma pessoa cria uma conta e seus colegas a seguem. Os comentários são enviados, quase sempre anonimamente, e então postados, criando uma cultura de reconhecimento público dos colegas.

Os elogios variam de relatos curtos e simples a relatos entusiasmados sobre o desempenho de alguém em uma atividade escolar.

Segundo especialistas, mais do que uma iniciativa positiva, esses esforços podem ajudar vítimas de bullying.

Ocorra o bullying off-line ou nas mídias sociais, “você se sente sozinho, isolado ou impotente, você se sente como a única pessoa passando por essas coisas”, disse Justin Patchin, codiretor do Centro de Pesquisa de Cyberbullying e professor da Universidade de Wisconsin-Eau Claire. “Portanto, essas páginas de elogio podem ser realmente eficazes na exposição do problema, mas também por simplesmente ter alguém do seu lado.”

Os dados sobre cyberbullying variam, mas pesquisas realizadas por Patchin e pelo codiretor Sameer Hinduja mostram que cerca de um em dez adolescentes sofre cyberbullying em um período de 30 dias.

Em Wisconsin, Spencer Smith, aluno da escola de ensino médio Cameron, resolveu agir quando viu contas do Twitter divulgando mensagens negativas sobre seus colegas, segundo reportagem da emissora local de TV WEAU. No Facebook, Smith pediu que quem quer que tivesse iniciado aquelas contas parasse. Em algumas horas, as contas foram fechadas e uma conta positiva no Twitter foi iniciada (@camnicethings).

“Os alunos estão demonstrando que é legal se importar”, disse Patchin, que escreveu com Hinduja um livro ainda não publicado, *Words Wound: Delete Cyberbullying and Make Kindness Go Viral* [*Palavras Machucam: Delete o Cyberbullying e Torne a Gentileza Viral*].

Uma porta-voz do Facebook concorda.

Um em dez adolescentes sofreu cyberbullying nos últimos 30 dias.



“Uma das melhores maneiras de evitar o bullying é criar um ambiente que dê poder ao espectador”, disse. Páginas de elogio podem ser uma maneira de o espectador intervir ou mudar um tom negativo para positivo.

Os alunos da Universidade de Queen que começaram as páginas de elogio provavelmente nunca imaginaram como

seus esforços se propagariam. Eles agora administram um grupo do Facebook que inclui 132 páginas universitárias de elogios, muitas das quais patrocinadas por alunos de escolas americanas. A mensagem deles, enviada em maiúsculas, é “DISSEMINA A FELICIDADE”.

Os alunos devem ficar atentos. Nem todas as páginas de elogio estão voltadas para divulgar boas mensagens. Algumas funcionam como páginas de confissão, onde os colegas paqueram uns com os outros — mas basta uma rápida olhada na página para saber se os elogios são sinceros.

A página de Hanfling durou apenas cinco dias porque ele ficou sobrecarregado com o número de elogios que tinha de copiar e colar. Depois de fechar a página, Hanfling revelou no jornal da escola que ele era o administrador anônimo do site.

Embora tenha tido vida curta, segundo Hanfling, o projeto criou um alvoroço em toda a escola. Ele ouviu alunos de todas as origens comentarem sobre os elogios nos corredores da escola durante os intervalos das aulas.

“Embora seja legal fazer elogios, é mais importante ter interações cara a cara com nossos amigos e elogiar as pessoas que conhecemos pessoalmente.” ■

LIGANDO OS PONTOS:

EAU CLAIRE, WISCONSIN ●; BETHESDA, MARYLAND ●

Qual é a palavra?

Exemplos de postagens de alunos do ensino médio e de universidades em páginas de elogios no Facebook.

 **Brown University Compliments**
20 de maio

Para o cara que me ajudou a carregar a minha mala quando descia as escadas de Young Orchard:

Muito obrigado. Eu estava lutando para conseguir fazer isso a manhã toda e estava muito frustrado por estar mudando/empacotando o dia todo. Você me lembrou que existem pessoas gentis neste mundo. Espero que tenha um verão maravilhoso.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 **USC Compliments**
10 de maio, perto de Los Angeles, CA

Para as pessoas que acabaram de entrar em Doheny vestidas como os personagens de Harry Potter, lançando feitiços e nos desejando sorte nas provas finais:

Obrigado. Eu precisava disso.

—Um estudante mais feliz.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 **Hopkinton Compliments**
14 de junho via celular

Vi Brennan L. fazer uma coisa muito legal para uma outra pessoa hoje na hora do almoço. Você é uma pessoa incrível, Brennan, e nossa escola tem sorte de ter alguém tão prestativo.

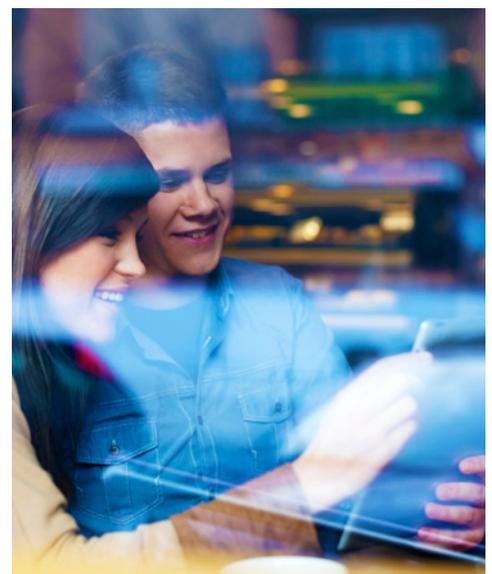
[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 **Whitman Compliments**
23 de maio

Para Billy D.:

Estou muito feliz por ter passado o fim do meu terceiro ano conhecendo você durante a peça. Gostaria que tivéssemos nos conhecido antes. Você é uma pessoa incrível e fez um trabalho maravilhoso como o entregador da UPS. Foi ótimo conversar com você na festa do elenco e desejo a você muita sorte no futuro!

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)



©ISTOCKPHOTO/THINKSTOCK

Faculdades comunitárias oferecem caminho para o sucesso

CHRISTOPHER CONNELL

Um caminho popular

45%

de todos os alunos de graduação nos EUA cursam faculdade comunitária.

Quando Steven Rivadeneira anunciou que ia para uma faculdade comunitária de dois anos em Miami, em vez de ir para a universidade, seus pais se mostraram céticos. O filho só teve notas boas desde que se apaixonou por Física durante o ensino médio, portanto, pensaram que ele deveria entrar em uma universidade de elite para fazer um curso de Engenharia de quatro anos.

Mas as notas de Steven no geral não eram suficientemente boas.

A Faculdade de Miami-Dade estava oferecendo uma bolsa de estudos e uma vaga em seu Honors Program (programa de estágio para os melhores recém-formados), e o filho assegurou aos pais que mais tarde poderia se transferir de lá para uma das melhores universidades do país. “Vi isso como uma grande oportunidade para tentar entrar na universidade dos meus sonhos, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts”, disse Steven.

Esse peruano-americano de 19 anos começou a cursar o primeiro ano do MIT este semestre com bolsas de estudo que cobrem quase todo o custo anual de US\$ 59 mil referentes a estudos, alojamento e alimentação. “Eu sabia que essa seria a melhor maneira de chegar a uma universidade top de linha”, revelou o aspirante a engenheiro aeronáutico, que nasceu em Lima, no Peru, e mudou-se para os EUA aos 6 anos de idade. Sua família no Peru, que nunca tinha ouvido falar de faculdades

comunitárias, agora “está em êxtase”, contou ele.

A Miami-Dade está entre as maiores e melhores das 1.100 faculdades comunitárias, uma invenção genuinamente americana. A Miami-Dade tem 50 mil alunos hispano-americanos.

No total, 8 milhões de alunos, incluindo 88 mil estudantes estrangeiros, frequentam essas faculdades de dois anos, que não exigem exames ou notas altas para a admissão e concedem aos formandos um diploma de curso superior de curta duração. Elas oferecem uma combinação de aulas acadêmicas e de capacitação para o trabalho, assim como inglês intensivo e cursos de reforço para os alunos que não estão preparados para o trabalho de nível universitário. Cobram menos que as faculdades públicas de quatro anos: US\$ 3.130 em média para matrícula e anuidade escolar contra US\$ 8.660. (Estudantes estrangeiros e de outros estados pagam duas ou três vezes mais.)

É uma pechincha se os alunos conseguirem uma transferência para uma universidade que reconheça os créditos da faculdade comunitária.

Após deixar Honduras para começar uma vida nova nos Estados Unidos, Wendy Velasquez-Ebanks matriculou-se na Faculdade Montgomery, de dois anos, em Rockville, Maryland,



©HUBBY/SHUTTERSTOCK.COM

mesmo já tendo frequentado a universidade em seu país. Primeiro ela teve aulas de inglês em um curso para refugiados e asilados, logo em seguida esse programa a contratou para ajudar outros alunos.

Wendy, que se mudou para Maryland quando sua mãe, uma defensora pública hondurenha, recebeu asilo político devido a ameaças de gangues, teve de explicar a seus amigos em Honduras que nos EUA um *college* não é uma instituição de ensino médio, mas uma instituição de ensino superior. “Eles sempre fazem essa confusão”, explicou. “Eu digo a eles ‘Não, não, não, não. (...) Aqui *college* é uma universidade’.”

Hoje essa hondurenha de 27 anos está cursando Ciência da Computação, com bolsa de estudos integral, na Universidade de Maryland, após um estágio na Fundação Nacional de Ciência.

A caminho de obter seu diploma de bacharel, Wendy nunca sentiu como um retrocesso sair de uma universidade em Honduras para uma faculdade comunitária. “Aprendi muita coisa que não sabia e também atualizei meus conhecimentos de informática”, disse ela.

O presidente Obama fez das faculdades comunitárias a peça central de sua estratégia para a educação. Em discurso proferido na Miami-Dade, em 2011, ele declarou: “Acredito que faculdades comunitárias como esta constituem caminhos fundamentais para a classe média (...) competir e vencer na economia do século 21”.

O ensino superior continua sendo um passo difícil para muitos latino-americanos, que estão atrás de outros grupos nas taxas de conclusão de curso. Sara Lundquist, vice-presidente de atendimento aos alunos da Faculdade Santa Ana, na Califórnia, afirmou: “A porta [da faculdade] é muito mais fácil de ser aberta nos Estados Unidos do que em alguns outros países”. “Cruzar a linha de chegada é que é difícil.” Na faculdade comunitária onde trabalha, em uma comunidade imigrante de renda mais baixa, a taxa de transferência de alunos latino-americanos para faculdades de quatro anos teve um aumento acentuado.

Eva Loredó, administradora de fundos da Faculdade Comunitária de Houston, disse que as faculdades de dois anos oferecem aos estudantes uma acolhida que não encontram nos campi de quatro anos. “Temos monitoramento, grupos de apoio e classes menores, além de oferecermos inglês como segunda língua.”

Wendy Velasquez-Ebanks e Steven Rivadeneira são a prova viva das imensas oportunidades que surgem nessas faculdades comunitárias americanas. ■

LIGANDO OS PONTOS:

SANTA ANA, CALIFÓRNIA ●; ROCKVILLE, MARYLAND ●;

HOUSTON, TEXAS ●; MIAMI, FLÓRIDA ●



STATE DEPT.

Nível de escolaridade

Este ano, o Bureau do Censo dos EUA revelou uma estatística excepcional. Na década de 2001 a 2011, o número de hispânicos com grau de bacharel ou superior **aumentou 80%**, passando de 2,1 milhões para 3,8 milhões.

Esses números não são uma surpresa para Richard Fry, pesquisador sênior associado do Centro Hispânico Pew.

Ele ressalta que, embora os hispânicos continuem atrás de outros grupos étnicos nos Estados Unidos com relação a diplomas universitários, o número de hispânicos que concluem o ensino médio aumentou 68% desde 2000. O número de hispânicos matriculados em faculdades aumentou 100% no mesmo período. “É uma ótima notícia”, disse Fry. “Não é apenas um grupo que está crescendo, há de fato avanços educacionais.”

Claudia Valladolid, cujos pais emigraram do México para San Antonio, Texas, concluiu recentemente seu mestrado em Relações Internacionais na Universidade de Siracusa. “Como meus pais viram que eu tinha bolsas de estudo para pagar o curso e sabiam que poderiam ajudar, disseram: ‘Você precisa ir para a faculdade’. Meu pai sempre nos disse: ‘Se o governo está disposto a ajudar pessoas que querem estudar, então não há motivo para vocês não fazerem faculdade’.”

“Esse é um marco importante na nossa história”, disse o ex-diretor do Bureau do Censo Robert Groves. “Para muitas pessoas, a educação é um caminho certo para uma vida de prosperidade.” ■ – M.T.

Quem vai para onde? Faculdades comunitárias com maior número de estudantes estrangeiros

5.829

Faculdade Comunitária de Houston, Texas

3.296

Faculdade Santa Monica, Califórnia

2.551

Faculdade De Anza, Califórnia

1.957

Faculdade Lone Star, Texas

1.787

Faculdade Montgomery, Maryland



©KAPRESKI/SHUTTERSTOCK.COM



81 2013

46 2012

25 2011

**Downloads
globais de
aplicativos
(EM BILHÕES)**

FONTE: GARTNER, SETEMBRO DE 2012

Aplicativos deixam de ser diversão para ser coisa séria

ANDRZEJ ZWANIECKI

Quando a Apple Inc. apresentou o iPhone em 2007, o desenvolvimento dos aplicativos, conhecidos como apps em inglês, fez do celular um tipo de parque de diversões para o pessoal da área técnica.

Os entusiastas precisavam apenas de uma aula de programação e de algumas ferramentas disponíveis na web para desenvolver e publicar um aplicativo.

E muitos tiveram satisfação com isso. “É uma ótima sensação poder desenvolver um aplicativo e ajudar as pessoas no seu dia a dia”, disse Chris Herbert, que desenvolveu seu primeiro aplicativo em 2009.

Herbert faz parte de um grupo de desenvolvedores que saiu de seu parque de diversões digital e transformou os dispositivos móveis em poderosas ferramentas de informação. A indústria que eles criaram emprega mais de meio milhão de pessoas, segundo estudo dos economistas Michael Mandel e Judith Scherer. Esse crescimento deve resultar em um faturamento de US\$ 25 bilhões em 2013, estima a Gartner Inc.

Vender ou morrer

O crescimento foi acompanhado por uma concorrência cada vez mais acirrada. Um entusiasta ainda pode fazer experiências com os aplicativos. Mas será muito mais difícil fazer dinheiro no mercado hoje, disse Andreas Pappas, da VisionMobile, empresa de pesquisa sediada em Londres. “Estamos nos distanciando de um ambiente centrado no desenvolvedor”, disse.

Hoje, a comercialização importa tanto ou mais do que o produto, e muitos desenvolvedores enfrentam “uma curva de aprendizado acentuada na comercialização”, segundo Pappas. Apenas entre 2% e 3% dos 250 principais editores das lojas de aplicativos da Apple e do Google, respectivamente, são novatos, de acordo com a empresa de pesquisa Distimo.

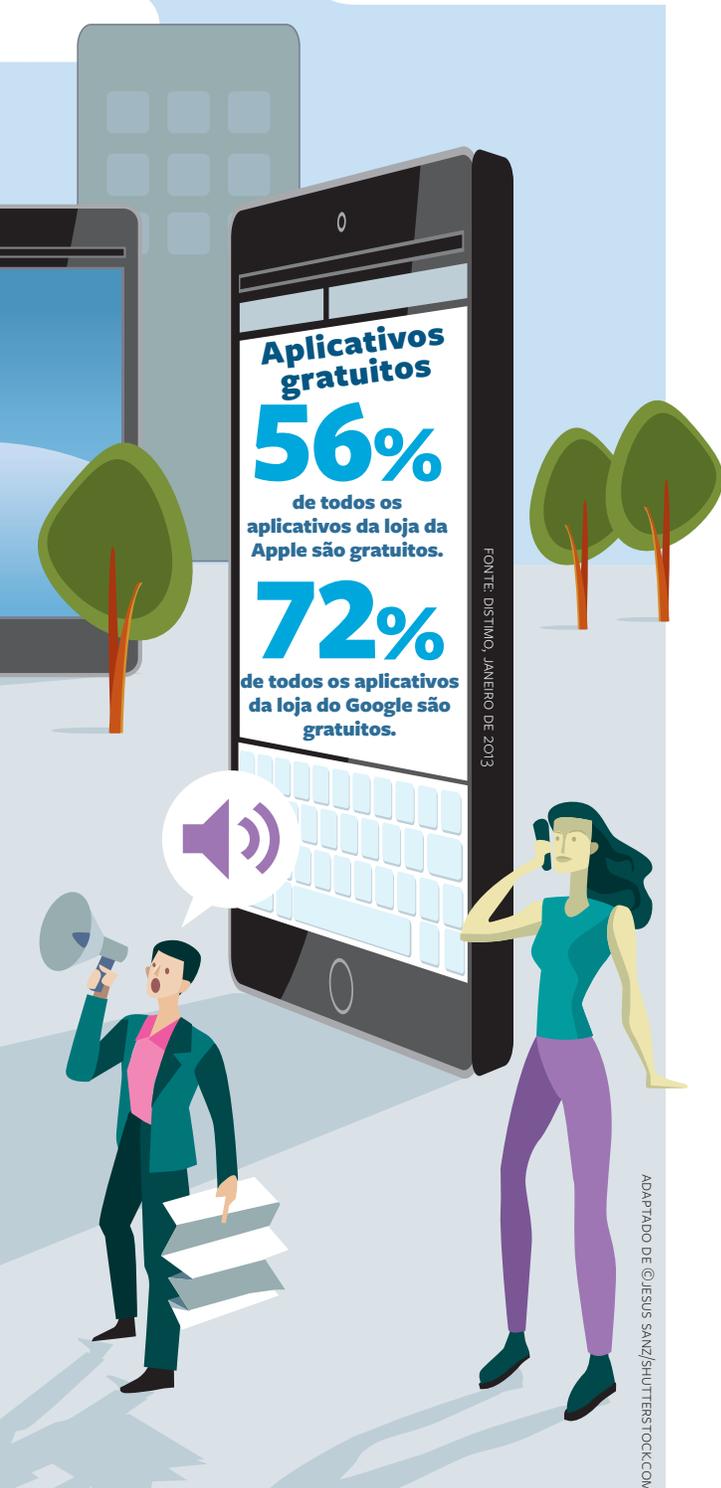
Herbert disse que realmente é preciso tempo e esforço para ser notado por blogs populares ou aparecer nas lojas de aplicativos, duas coisas que tornam o sucesso mais provável. Ele adquiriu experiência vendendo dois aplicativos para rastrear objetos pessoais essenciais. Sua empresa — a Phone Halo — emprega cinco pessoas e lucra o suficiente para mantê-lo. Mas um terço dos desenvolvedores de software não consegue contar apenas com os aplicativos como única fonte de renda, segundo relatório de 2012 da VisionMobile.

Um sucesso-relâmpago ainda é possível, como mostrou o estudante britânico de 17 anos Nick D’Aloisio, que em março vendeu seu aplicativo agregador de notícias Summly para o Yahoo Inc. por US\$ 30 milhões. Apesar dessas histórias de sucesso, Pappas acredita que os jovens desenvolvedores devem buscar metas mais realistas — um emprego na indústria de softwares ou um diploma universitário — mantendo um olho em um grande prêmio.

Alguns desenvolvedores estão fora da América do Norte e da Europa, onde a demanda é maior. Muitos, em particular na América Latina, desenvolvem aplicativos em inglês, tendo em mente os mercados norte-americano e europeu. Mas isso deve mudar no futuro próximo à medida que os smartphones e outros dispositivos móveis sejam mais amplamente difundidos na China, na Índia, no Brasil e em outras economias de rápido crescimento.

“Os aplicativos locais podem se tornar de fato uma grande oportunidade para oferecer conteúdo em línguas locais”, disse Pappas.

Assim, no futuro próximo desenvolvedores menos experientes nos mercados emergentes podem chamar atenção e criar a próxima onda de histórias de sucesso. ▀



ADAPTADO DE ©JESUS SANZ/SHUTTERSTOCK.COM

Na liderança da carga elétrica

Os laboratórios do governo e as empresas privadas que trabalham com tecnologia de baterias estão em acirrada concorrência para fomentar a energia do futuro.

Os interesses são grandes. As baterias são fundamentais para reduzir as emissões de gases de efeito estufa nos transportes e nos setores de geração de energia e, assim, desacelerar o aquecimento global. O presidente Obama e outros líderes mundiais têm pedido milhões de veículos híbridos ou elétricos nas ruas no futuro próximo, meta que depende quase que inteiramente de baterias melhores.

“Se fosse possível fazer 480 quilômetros com uma única carga, haveria um aumento significativo de veículos elétricos”, declarou Michael Omotoso, analista do setor de automóveis da LMC Automotive, empresa de pesquisa. “Mas os preços desses veículos ainda precisariam diminuir.”

Além dos negócios que podem surgir com baterias melhores para carros, há os lucros e os benefícios climáticos que poderiam ser aproveitados por quem desenvolver baterias que armazenem energia para geração de eletricidade renovável.

“Imaginem a enorme quantidade de combustíveis fósseis que poderia ser economizada com uma única tacada”, se for desenvolvida uma tecnologia de bateria avançada que possa ser aplicada em todos os setores da economia, disse Venkat Srinivasan, cientista do Laboratório Nacional Lawrence Berkeley.

Conflito de escolhas

Apesar dos recentes avanços, as baterias de íons de lítio, comuns em dispositivos móveis, assim como em carros híbridos e elétricos, ainda são relativamente caras, descarregam muito rápido e não armazenam energia suficiente. O que precisamos, explicou Srinivasan, são baterias que armazenem cinco vezes mais energia a um quinto do custo, que sejam seguras e tenham vida útil longa.

No entanto, essa necessidade não parece que será atendida em breve, uma vez que os pesquisadores estão tentando resolver interdependências complexas entre as principais características dos aparelhos — quantidade de energia armazenada, custo, durabilidade e segurança. “É muito difícil melhorar uma dessas métricas sem comprometer alguma coisa das outras, e não se pode abrir mão da segurança”, informou Srinivasan.

Os avanços envolvem conflito de escolhas: para aumentar a quantidade de energia que uma bateria pode armazenar talvez seja preciso encurtar a sua vida útil. Os pesquisadores estão fazendo experiências com produtos químicos para baterias e vários materiais para anodo, cátodo ou eletrólito. Por exemplo, a IBM e várias empresas iniciantes estão desenvolvendo uma bateria de lítio-ar, ou “que respira”, na qual o oxigênio é sugado e atua como um cátodo leve.

Mas uma tecnologia inovadora não é garantia de sucesso. As empresas inovadoras precisam provar que as suas baterias funcionam no mundo real, não apenas no laboratório.

O ritmo do progresso

Nos últimos anos, algumas empresas iniciantes e laboratórios universitários anunciaram tecnologias “revolucionárias”. Uma análise mais atenta quase sempre revela que houve progresso apenas nos materiais ou em uma ou duas das métricas essenciais, segundo os especialistas.

Nosso objetivo deve ser acelerar o ritmo do progresso, disse Srinivasan, mas não esperem uma medida revolucionária para o próximo ano. Somente quando as pesquisas passarem para a próxima geração de baterias — baseadas em novos materiais e produtos químicos diferentes do lítio — poderemos esperar que aconteçam “coisas extraordinárias”, explicou Srinivasan.

Outro especialista, Shriram Santhanagopalan, do Laboratório Nacional de Energia Renovável em Golden, Colorado, acredita que os cientistas estejam perto de uma tecnologia revolucionária. Santhanagopalan destaca o projeto Centro de Baterias e Armazenamento de Energia, do Departamento de Energia, que envolve laboratórios, universidades e empresas privadas nacionais. Mesmo fora do centro, essas partes interessadas estão trabalhando mais de perto umas com as outras, afirmou.

“O futuro das baterias é brilhante”, declarou Santhanagopalan. ■ – A.Z.

LIGANDO OS PONTOS:

BERKELEY, CALIFÓRNIA ●; GOLDEN, COLORADO ●

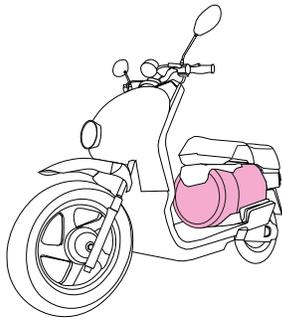
180 mil
carros elétricos
de passeio e
utilitários estão
nas ruas do
mundo todo

FONTE: AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA

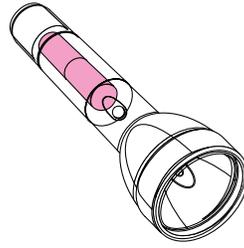
3 bilhões
de baterias
descartáveis
são vendidas
anualmente nos
EUA, ou seja, dez
por pessoa

FONTE: AGÊNCIA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DOS EUA

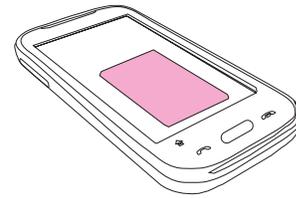
Peso médio das baterias para estes objetos:



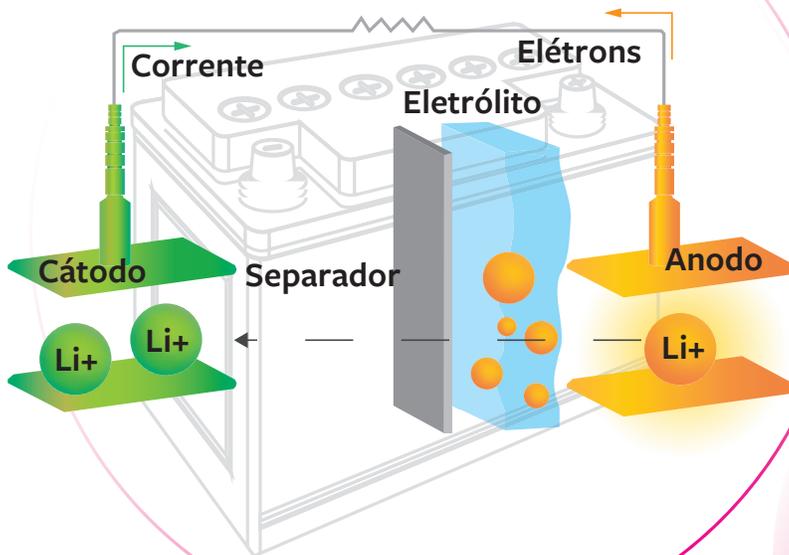
motoneta 340 gramas



lanterna 150 gramas



telefone celular 23 gramas



carro 10.000 gramas

Como funciona uma bateria tradicional de íons de lítio

1 A bateria, ou uma única célula dela, tem um **cátodo** de carga positiva feito de componentes de lítio e um **anodo** de carga negativa feito de carbono especial, com um **separador**, uma camada microporosa entre eles que impede o contato dos eletrólitos.

2 Os eletrodos e o separador são mergulhados em um solvente que age como **eletrólito**, o que permite a movimentação dos íons.

3 Quando a bateria está em uso, os íons de lítio se movimentam do anodo para o cátodo através do eletrólito e do separador. Essa reação cria uma corrente elétrica que passa por um circuito fechado externo e gera a corrente elétrica para o equipamento ou aparelho.

A arma mais poderosa contra o discurso de ódio

NÃO

É A REPRESSÃO

ANATOMIA DA
**LIBERDADE
DE EXPRESSÃO**

1

**MANIFESTANTES E
CONTRAMANIFESTANTES**

As pessoas podem se expressar livremente, mesmo que expressem ódio. Os contramanifestantes quase sempre combatem o ódio com seu próprio discurso. Em 10 de setembro de 2011, Terry Jones chegou à Times Square usando uma camiseta com um slogan ofensivo e antimuçulmano e discursou contra o islamismo. As pessoas que estavam por perto disseram a ele que estava errado. Uma delas começou a cantar a música "All You Need Is Love" dos Beatles. "Estamos num país livre, pessoal. Vou ouvi-los cantar!", ele gritou, incitando uma contramanifestação improvisada.



...É MAIS DISCURSO



A Primeira Emenda da Constituição dos EUA garante a liberdade de expressão dos americanos. Mas isso não significa que o governo ou os cidadãos aprovelem discursos de ódio ou blasfêmias. Embora as leis não proibam o discurso de ódio, a sociedade trabalha para evitar que ele ocorra e para amenizar seus danos quando ocorre.



9 mil

AUTORIZAÇÕES

para manifestantes permitindo a realização de protestos em locais públicos de Washington, DC, foram concedidas pelo Serviço Nacional de Parques na última década.



34

PROCESSOS

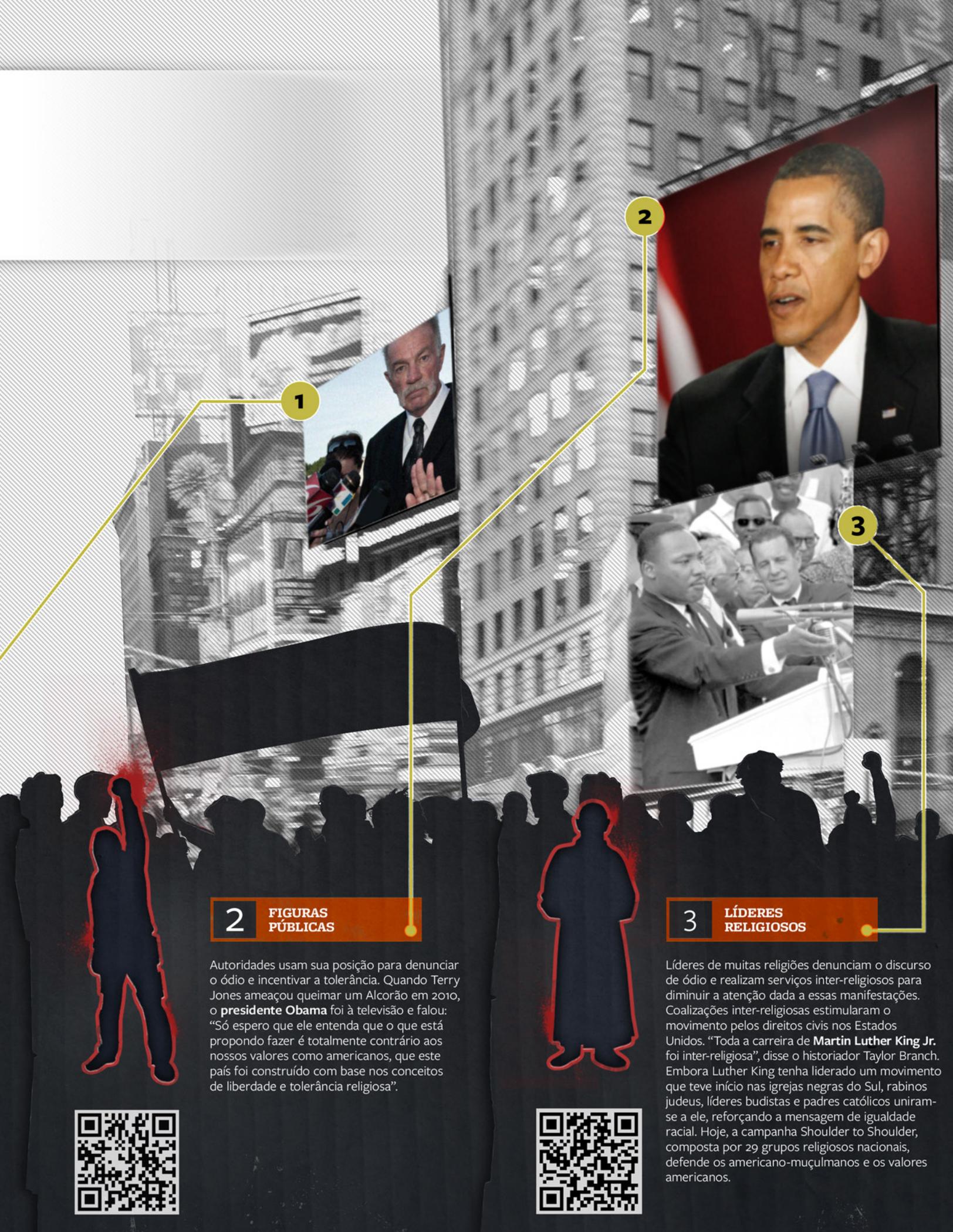
foram protocolados nos últimos 12 meses pela União Americana das Liberdades Cívicas em defesa da liberdade de expressão.



167

PAÍSES

concordaram em proteger a liberdade de expressão como parte de suas obrigações nos termos do Pacto Internacional sobre Direitos Cívicos e Políticos.



1

2

3

2

FIGURAS PÚBLICAS

Autoridades usam sua posição para denunciar o ódio e incentivar a tolerância. Quando Terry Jones ameaçou queimar um Alcorão em 2010, o **presidente Obama** foi à televisão e falou: “Só espero que ele entenda que o que está propondo fazer é totalmente contrário aos nossos valores como americanos, que este país foi construído com base nos conceitos de liberdade e tolerância religiosa”.

3

LÍDERES RELIGIOSOS

Líderes de muitas religiões denunciam o discurso de ódio e realizam serviços inter-religiosos para diminuir a atenção dada a essas manifestações. Coalizações inter-religiosas estimularam o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. “Toda a carreira de **Martin Luther King Jr.** foi inter-religiosa”, disse o historiador Taylor Branch. Embora Luther King tenha liderado um movimento que teve início nas igrejas negras do Sul, rabinos judeus, líderes budistas e padres católicos uniram-se a ele, reforçando a mensagem de igualdade racial. Hoje, a campanha Shoulder to Shoulder, composta por 29 grupos religiosos nacionais, defende os americano-muçulmanos e os valores americanos.





4

4 AGENTES DA LEI

A **polícia** protege o direito de todos os cidadãos de se expressar livremente; desse modo, o discurso de ódio raramente incita a violência. Como a polícia também serve de exemplo, é treinada para respeitar as religiões de todas as pessoas. Por exemplo, o Departamento de Justiça ensina os policiais sobre a fé sique e sobre o *dastar* (turbante) e o *kirpan* (punhal) usados pelos siques praticantes. Os policiais aprendem que o *kirpan* representa o dever sique de proteger os fracos e inocentes e não deve ser visto como uma ameaça.



5

5 CIDADÃOS E LÍDERES COMUNITÁRIOS

Pessoas comuns podem fazer a diferença. Professores e líderes de bairro ensinam as pessoas a desenvolver a tolerância de maneira consciente e a se colocar contra o bullying quando presenciarem situações desse tipo. Verbas federais ajudam líderes de cidades e comunidades tribais a ensinar lições que podem evitar o discurso ofensivo. Em um programa, os adolescentes fizeram vídeos para convencer seus colegas a serem gentis e tolerantes.



Um coração para os negócios

Consumidores e funcionários mais jovens exigem isso. As empresas compreendem isso. Lidar com as questões sociais é parte do resultado.



O fundador da TOMS Shoes, Blake Mycoskie, serve de inspiração para que uma geração se divirta enquanto constrói uma empresa e ajuda populações pobres do mundo

©REST/SHUTTERSTOCK.COM

A geração do bem

LAURA HAUGEN

Uma geração pretende mudar o mundo. A geração do milênio — americanos entre 18 e 29 anos de idade — está ansiosa para conseguir emprego, mas se tiver escolha, a preferência é por empregos nos quais imagina poder tornar o mundo um lugar melhor. Esses jovens cresceram na era digital, o que os deixou bastante cientes dos problemas do mundo.

Os universitários de hoje, em especial, têm uma missão humanitária idealista, e cumprir essa missão é mais importante para eles do que ter filhos ou uma carreira de prestígio, adquirir bens ou se tornarem líderes comunitários, segundo Cliff Zukin, professor de Ciência Política da Universidade Rutgers. A sensibilidade deles certamente afetará a maneira como as empresas operam, pois em 2020 eles serão quase metade da força de trabalho.

“Minha geração foi imbuída de senso de responsabilidade”, disse Allison McGuire, jovem da geração do milênio que faz parte do blog Empresas para o Bem. “Crescemos aprendendo que as nossas ações afetam diretamente as nossas comunidades.” Como trabalhadores, os jovens da geração do milênio esperam convencer seus empregadores a se responsabilizar por seus funcionários, pela sociedade e pelo mundo, disse ela.

Mas os jovens do milênio não são tolos idealistas. De acordo com uma pesquisa realizada em 2012 por Zukin para a organização sem fins lucrativos Net Impact, a recessão do final da década de 2000 fez com que esses jovens passassem a se preocupar mais com

a sobrevivência no mercado de trabalho do que com qualquer outra coisa, inclusive suas aspirações de mudar o mundo. Segurança no emprego e um bom equilíbrio entre trabalho e vida superam seus desejos altruístas.

Ainda assim, segundo Zukin, isso é “bastante incomum entre jovens de 20 anos, que supostamente são autoconfiantes e empreendedores”. Com a recuperação da economia, ele acredita que a geração mais jovem voltará a direcionar seu foco para fazer a diferença e buscar empregos que a permita fazer isso.

Consumidores informados e funcionários engajados

A geração do milênio se preocupa com os valores por trás das marcas. Eles pesquisam os produtos e os fabricantes antes de fazer qualquer compra. Por meio das mídias sociais, trocam informações sobre os históricos de segurança dos fabricantes, padrões ambientais e a saúde dos funcionários. Arrecadam recursos para suas pequenas empresas favoritas em sites de *crowdsourcing*. Ao comprar produtos de empresas que admiram por suas “credenciais de gestão”, esses consumidores pressionam as empresas a ser socialmente responsáveis.

Como funcionários, os jovens do milênio anseiam por engajamento e um trabalho que faça sentido. Eles geralmente desafiam a cultura corporativa de dentro da empresa. Querem “começar a todo vapor”, disse Bruce Tulgan, especialista em gestão, em seu livro *Not Everyone Gets a Trophy: How to Manage Generation Y* [*Nem Todos Recebem um Troféu: Como Administrar a Geração Y*]. “Querem identificar problemas que ninguém identificou, resolver problemas



Como fazer direito!

- 1 Assuma responsabilidade pelo meio ambiente e faça produtos de eficiência energética**
- 2 Trate bem os funcionários, ofereça igualdade de oportunidades de emprego e bons salários/benefícios**
- 3 Retribua à comunidade local**
- 4 Comporte-se de maneira ética, honesta e dentro da lei**
- 5 Ofereça produtos e serviços de qualidade a preços justos**

FONTE: PESQUISA DA PENN SCHOEN BERLAND, LANDOR ASSOCIATES AND BURSON-MARSTELLER DE 2010



A partir de cima: a PepsiCo Inc. trabalha para acelerar o acesso a água segura e saneamento na Índia; crianças vietnamitas estão mais seguras graças aos capacetes para ciclistas doados pela Protec; a gigante do ramo de doces Mars Inc. ajuda agricultores em Gana a aumentar a produção de cacau



que ninguém ainda resolveu, tornar melhor as coisas que já existem e inventar coisas novas.”

Mas, segundo Zukin, esses jovens podem confrontar-se com uma cultura corporativa intrincada quando “descobrirem que é preciso esperar para que suas opiniões sejam ouvidas”. Se puderem melhorar uma comunidade ou contribuir para a limpeza do meio ambiente enquanto trabalham, ficam mais satisfeitos e produtivos, de acordo com a pesquisa da Net Impact. Essa é uma das razões pela qual grandes empresas como IBM Corporation, Pfizer Inc., PepsiCo Inc. e Dow Corning Corporation criaram programas para permitir que os funcionários sejam voluntários em projetos sociais nos países em desenvolvimento. Esses programas, segundo os gerentes, não só estão em sintonia com a missão das empresas como também as diferenciam em feiras de emprego, o que ajuda a atrair novos talentos.

Futuros líderes empresariais

As escolas de administração têm ouvido o grito de guerra da geração do milênio e estão incluindo a gestão empresarial em seus currículos. A maioria tem criado programas de responsabilidade social corporativa e apresentado esses programas para melhorar a avaliação da instituição. Depois que a Escola Thunderbird de Gestão Global passou a exigir dos formandos um compromisso de cidadania global responsável, outras faculdades de administração começaram a fazer o mesmo.

“Existe definitivamente um movimento de pessoas reconhecendo que temos a responsabilidade de fazer o bem”, explicou Kellie Kreiser, vice-presidente adjunta da Thunderbird. “Essa geração é confiante e está equipada para encontrar oportunidades na esfera do empreendedorismo para lidar com as questões sociais.” ■



ALL PHOTOS COURTESY OF CONTRIBUTORS

Revolucionários de amanhã



Quem:

Alex Budak, cofundador da StartSomeGood

O quê:

Ajuda empreendedores sociais

How:

A StartSomeGood fornece uma plataforma de financiamento coletivo on-line para empreendedores sociais.

Conselhos:

“Com muita frequência vejo pessoas com receio de conversar com os outros por temer que alguém vá ‘roubar’ sua ideia, quando na verdade falar da sua ideia para os outros é a melhor coisa que se pode fazer. Ter uma ideia é relativamente fácil; agir sobre essa ideia é a parte difícil.”



Quem:

Tyler Gage e Dan MacCombie, cofundadores da Runa LLC

O quê:

Comercialização de infusões e bebidas para ajudar comunidades indígenas

Como:

A Runa vende produtos de comércio justo feitos da *guayusa*, planta cafeinada da Amazônia, propiciando a subsistência de 2 mil agricultores da tribo kichwa no Equador. A companhia ajuda pequenos agricultores a se tornarem empresas

autossuficientes.

Um percentual das receitas da Runa vai para a conservação da floresta e projetos de desenvolvimento local.

Conselhos:

MacCombie (right): “Pense de maneira holística. (...) Adote uma perspectiva ampla e certifique-se de que você entende o ciclo de vida dos produtos que faz e as implicações de cada decisão por menor que seja.” **Gage**: “Siga o seu coração e confie na sua intuição.”



Quem:

Asheen Phansey, chefe do laboratório de inovações sustentáveis; e **Amy Green**, gerente de marketing, Dassault Systèmes

O quê:

Adoção de uma cultura corporativa mais verde.

Como:

Durante a mudança de endereço da empresa, Phansey e Green uniram forças para formar uma equipe de funcionários dedicada à redução do desperdício. Essa equipe eliminou 250 mil latas de refrigerante e 100 mil garrafas de água em um ano, bem como compensou 100% da eletricidade usada pela empresa por meio de créditos de energia renovável.

Conselhos:

Phansey: “Descubra seus aliados e mantenha-os envolvidos. Eles podem ser das mais

diferentes funções e cargos hierárquicos. Recrute-os para que ajudem da maneira que puderem.”

Green: “Comece modestamente, com apenas alguns funcionários dedicados, e os outros vão procurá-lo para unir forças, acabando por propiciar a visibilidade necessária para fazer a maior mudança possível na política corporativa.”



Quem:

Shane Gring, cofundador da Bould

O quê:

Capacitação de trabalhadores da construção verde

Como:

Desenvolveu um currículo prático para aspirantes a profissionais da construção verde. Mais de 400 profissionais se formaram no curso e ajudaram a construir 40 residências com certificado verde a preços acessíveis.

Conselhos:

“Não se mede mais o sucesso apenas pelo lucro ou o poder. (...) Para se destacar, busque oportunidades que não o forcem a deixar suas convicções em casa. Descubra empresas ou escolas que compactuem com a sua missão pessoal.”



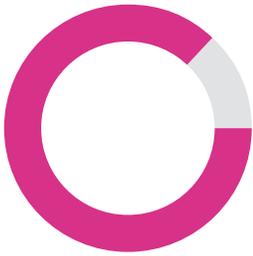
58% DOS JOVENS DO MILÊNIO DIZEM QUE ACEITARIAM UM CORTE DE 15% NO SALÁRIO PARA TRABALHAR EM UMA ORGANIZAÇÃO QUE TENHA OS MESMOS VALORES QUE ELES.

FONTE: ESTUDO DE 2012 DA NET IMPACT



85% DOS JOVENS DO MILÊNIO QUE ESTÃO ENTRANDO NA FORÇA DE TRABALHO CONSIDERARIAM DEIXAR UM EMPREGADOR CUJOS VALORES ESTIVEREM AQUÉM DAS SUAS EXPECTATIVAS.

FONTE: RELATÓRIO DA SODEXO "TENDÊNCIAS DOS LOCAIS DE TRABALHO 2013"



87% DOS CONSUMIDORES GLOBAIS ACREDITAM QUE A EMPRESA DEVE ATRIBUIR O MESMO PESO AOS INTERESSES DA SOCIEDADE E AOS INTERESSES FINANCEIROS.

FONTE: ESTUDO GOODPURPOSE 2012 DA EDELMAN



65% DOS JOVENS DO MILÊNIO DIZEM QUE O POTENCIAL PARA CONTRIBUIR COM A SOCIEDADE POR MEIO DO EMPREGO É MUITO IMPORTANTE PARA ELES.

FONTE: ESTUDO DE 2012 DA NET IMPACT

Quem tem razão

em relação à gestão empresarial?



A grande ilusão

Anel Karnani

De acordo com o conceito de “fazer bem fazendo o bem”, as empresas têm a responsabilidade social de atingir algumas metas mais ambiciosas e podem fazer isso sem sacrifício financeiro. É uma proposta tentadora, mas também fundamentalmente errada. É uma ilusão, uma ilusão perigosa.

As empresas podem “fazer bem fazendo o bem”, mas apenas às vezes. Se os mercados estiverem trabalhando bem, então o lucro privado e o interesse público estarão alinhados. As empresas que simplesmente fazem tudo que podem para aumentar o lucro acabarão por aumentar o bem-estar social. Por exemplo, muitas montadoras tiveram lucro ao responder à demanda de consumo por carros mais econômicos, um fator positivo para o meio ambiente. Adam Smith destacou a harmonia entre o interesse privado e o bem-estar social — essa é a mão invisível em ação. A responsabilidade social corporativa não se aplica nesse caso.

Em muitos casos, fazer o que é melhor para a sociedade significa sacrificar o lucro.

Isso é verdade para a maioria dos problemas generalizados e persistentes da sociedade; se não fosse assim, esses problemas teriam sido resolvidos há muito tempo pelas empresas que tentam aumentar ao máximo seu lucro. Um bom exemplo é a poluição causada pelas indústrias.

Em circunstâncias nas quais o lucro e o bem-estar social estão em oposição direta — por exemplo, uma fábrica produtiva, porém poluidora, e a necessidade da comunidade de ar puro —, um apelo aos fabricantes para serem socialmente responsáveis quase sempre será ineficaz, porque os executivos não estarão propensos a agir voluntariamente no interesse público e contra os interesses dos acionistas.

Isso não quer dizer, é claro, que as empresas devam ter a liberdade de obter o maior lucro possível sem se importar com as consequências para a sociedade. A solução apropriada é a regulamentação governamental. A regulamentação bem planejada e bem implementada estabelece as regras do jogo pelas quais as empresas podem aumentar o lucro e a sociedade pode atingir suas metas mais abrangentes.

ANEEL KARNANI É PROFESSOR DE ESTRATÉGIA NA FACULDADE ROSS DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DA UNIVERSIDADE DE MICHIGAN.



Resultados reais

James Epstein-Reeves

A responsabilidade social corporativa — a atenção que as empresas dão ao meio ambiente, ao bem-estar dos trabalhadores e à saúde das comunidades onde operam — é uma estratégia que pode afetar a competitividade dos negócios.

Empresas conservadoras pensam que devem fazer uma opção entre criar valor para os acionistas e cuidar de valores sociais. Mas a indiferença com o impacto ao meio ambiente e a comunidade não é uma opção para a empresa, porque quando práticas comerciais irresponsáveis e nefastas atingem um ponto crítico, a marca sofre as consequências. A imagem da Nike Inc. foi maculada por acusações de que a empresa tolerou maus-tratos a trabalhadores por parte de seus fornecedores estrangeiros. A Nike agora é líder em direitos humanos e normas trabalhistas. Mas, por mais que tenham, algumas empresas não conseguem evitar associações negativas com sua marca após publicidade negativa.

Algumas empresas veem a responsabilidade social corporativa como uma manobra de marketing para melhorar sua imagem ou reconhecimento da marca. Essas empresas não aperfeiçoam de verdade suas práticas empresariais nem terão resultados reais. Os consumidores dizem preferir empresas com consciência social, mas seu comportamento nem sempre está de acordo com suas palavras. De todos os fatores relativos às decisões de compra — sendo preço e percepção de qualidade os que mais influenciam — as preocupações ambientais e sociais exercem papel de menor importância, se é que exercem algum.

Algumas empresas realmente conseguem: percebem que políticas socialmente responsáveis podem melhorar sua posição de mercado no longo prazo. Elas operam não apenas de modo a fazer dinheiro no trimestre seguinte, mas também para proteger o meio ambiente e criar valor para os trabalhadores e as comunidades locais. Assim, tornam-se mais inovadoras, reduzem custos e melhoram o planejamento de longo prazo, bem como o engajamento dos consumidores e dos funcionários.

A responsabilidade social corporativa não é a solução para os problemas do mundo. Mas quando as empresas realmente tornam isso parte de sua missão, serve para ajudá-las a encontrar maneiras novas e proveitosas de fazer negócios e criar ímpeto rumo a um mundo melhor.

JAMES EPSTEIN-REEVES É FUNDADOR E PRESIDENTE DA DO WELL DO GOOD, CONSULTORIA EM RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA.



Mulheres de Kinyihira trançam cestas tradicionais de agaseke, usadas para embalagem de chá

Pequenos negócios em um círculo virtuoso

Em 2012, na cerimônia de despedida do gerente-geral da Sorwathe SARL em Kinyihira, Ruanda, muitos habitantes do vilarejo compareceram. Levaram presentes para o gerente, identificado por eles com a joint venture produtora de chá da Tea Importers Inc. com sede em Connecticut.

“Para mim”, disse Andrew Wertheim, responsável pela Tea Importers, “essa foi uma evidência” da lealdade da comunidade para com a empresa. Segundo ele, essa lealdade foi obtida graças ao trabalho da empresa para melhorar o meio ambiente e a vida em comunidades locais. Ele acredita que a fábrica sobreviveu ao genocídio de 1994 (embora tenha sido prejudicada) devido ao apoio da comunidade local.

Benéfico para os dois lados

A Sorwathe faz parte de um número cada vez maior de empresas que obtêm satisfação moral e benefícios mais tangíveis de suas políticas trabalhistas, ambientais e sociais responsáveis. Essas políticas são conhecidas como responsabilidade social corporativa ou gestão empresarial.

As empresas praticam essa gestão de várias maneiras, desde a reciclagem até a garantia da segurança no local de trabalho, desde a preservação de áreas selvagens até a distribuição de produtos. As práticas são reforçadas pela intenção de consumidores socialmente

conscientes de eliminar a pobreza ou proteger o meio ambiente.

Muitas vezes, as empresas encaram a gestão empresarial como um negócio inteligente: a conservação de água e energia ou reformas de estradas ajudam a comunidade local e ao mesmo tempo reduzem os custos do negócio.

Além do mais, de acordo com Susan McPherson, da consultoria Fenton Communications, essas empresas atraem e mantêm trabalhadores motivados. A longo prazo, também tendem a ser mais inovadoras.

Pequenos passos, grandes resultados

Esse tipo de gestão se justifica em grandes empresas, especialmente naquelas preocupadas com sua reputação. Mas pequenas e médias empresas também devem se importar porque normalmente são mais dependentes de trabalhadores importantes, da comunidade e das terras locais, de acordo com Molly Brogan, da Associação Nacional de Pequenas Empresas.

Pequenas empresas às vezes não têm condições de arcar com investimentos sociais ou ambientais, reconhece Molly. Mas ser menor significa ser mais ágil. Isso lhes permite lutar por uma verdadeira sinergia entre metas financeiras, sociais e ambientais, disse Christine Arena, autora de *The High-Purpose Company* [A Empresa com Altos Propósitos].

continua na página 25

Sambazon: surfando para o sucesso

Ryan Black viveu segundo a máxima “mantenha-se jovem e tolo” mesmo antes do falecido Steve Jobs, cofundador da Apple Inc., ter louvado essa filosofia.

Em 1999, Black, então com 24 anos, foi ao Brasil em busca de ondas perfeitas para surfar e acabou fundando uma empresa sustentável que processa açaí da Floresta Amazônica. “Eu não sabia nada de nada”, disse Black.

A Sambazon, com sede em San Clemente, Califórnia, busca a estratégia do “tripé da sustentabilidade”: vantagens econômicas, ambientais e sociais.

O idealismo de Black junto com seu tino comercial valeram a pena. O site da empresa informa que ela gerencia com sucesso mais de 800 mil hectares da Floresta Amazônica com práticas sustentáveis; obteve certificação orgânica para bebidas e suplementos Sambazon; e, por meio de inovação, poupou mais de 5.660 metros cúbicos de madeira por ano. Para conseguir tudo isso, a Sambazon criou o que Black chama uma “rede de cooperação”, envolvendo um governo e uma universidade locais, três ONGs e uma fundação americana.

Quando agricultores que fornecem o açaí trapacearam em um esquema de negócio justo, de acordo com Black, a empresa decidiu que, em vez de pagar aos agricultores um prêmio sobre o preço de mercado, investiria esse prêmio em projetos comunitários — escolas, clínicas médicas e centros comunitários.

Isso fortaleceu a marca Sambazon. Nos últimos três anos, o crescimento da receita da Sambazon variou de 19% a 30%, tornando a empresa a quinta maior marca de suco fresco de alta qualidade dos EUA e permitindo sua expansão para a Ásia.

“Sempre mantemos nossas convicções”, afirmou Black.

Colheita de açaí: não tente cultivar no seu quintal



Crianças em idade escolar ajudam a Sahlman a plantar mudas de mangue

Sahlman Seafoods: obtendo retorno

Não precisa muito para ajudar a comunidade local. “Você pode enviar uma escavadeira para ajudar a escola ou construir uma estrada”, disse Marty Williams, executivo-chefe da Sahlman Seafoods Inc., com sede em Tampa, na Flórida.

A empresa, que opera uma fazenda e uma fábrica de processamento de camarões em uma ilha remota na costa do Pacífico da Nicarágua, acredita que práticas sustentáveis aumentam a produtividade. Sua gestão de água e resíduos garante que a fazenda não polua o oceano. Em lugar de cortar mangues, como fazem muitas empresas, a Sahlman planta 50 mil mudas por ano. O manguezal funciona como um sistema natural de filtragem.

A Sahlman emprega cerca de 700 trabalhadores da comunidade local, que no final dos anos 1990 não tinha eletricidade nem sistemas modernos de abastecimento de água ou esgoto. Gerentes da empresa “tiveram um senso de responsabilidade” em relação aos trabalhadores e suas famílias, disse Williams. Ao fornecer eletricidade a um centro de saúde local, a empresa proporcionou maior acesso da população local a serviços de saúde. Também ajudou a modernizar prédios escolares e ofereceu bolsas de estudo para os melhores alunos.

Williams nota progresso, especialmente quando observa as crianças em idade escolar. “Ao ver essas crianças tentando se arrumar, você se sente bem”, disse.

Sorwathe: fomentando a boa vontade

A justificativa dos esforços para ajudar a melhorar a vida dos 5.200 funcionários da Sorwathe é simples para seu gerente-geral, Rohith Peiris. “Dependemos deles como membros da comunidade e trabalhadores valiosos e úteis”, afirmou.

Essa atitude norteou a fábrica de chá em Kinyihira, Ruanda, desde que foi fundada pelo empresário americano Joe Wertheim em meados dos anos 1970. A população local empobrecida tinha carências tremendas quando Wertheim fundou a empresa. A Sorwathe é uma joint venture entre a Tea Importers Inc., com sede em Westport, Connecticut, de propriedade de Wertheim, e o governo de Ruanda. A empresa primeiramente construiu estradas, escolas e uma clínica médica. Peiris lembra a chegada de água doce às aldeias locais como “um grande momento”.

A fábrica conduziu iniciativas para erradicar o analfabetismo, apoiar os direitos dos trabalhadores e abolir o trabalho infantil. A Sorwathe cria oportunidades de renda para mulheres e melhora os serviços básicos para mais de 4.500 agricultores que cultivam chá.

A fábrica depende de meio ambiente natural limpo para produzir chás de alta qualidade, de modo que, com a organização não governamental Rotary Internacional, forneceu às famílias locais fogões econômicos e fogareiros solares, diminuindo drasticamente o desmatamento.

Líderes empresariais sobre responsabilidade social

Diretores financeiros e profissionais de investimento concordam por ampla margem que a manutenção de uma boa reputação corporativa é a melhor forma de os programas de responsabilidade social corporativa criarem valor.

FONTE: PESQUISA MCKINSEY 2009

Donos de empresas médias...

60% informam o desejo de ajudar a dar educação a crianças de suas comunidades

66% informam estar praticando a gestão empresarial.

FONTE: PESQUISA DA BUSINESS4BETTER 2013

continuação da página 23

A empresa Sambazon de processamento de alimentos, com sede na Califórnia, buscou essa abordagem durante mais de uma década no Brasil. Ela trabalhou “muito bem”, disse Ryan Black, fundador e executivo-chefe da empresa.

Uma pequena empresa comprometida com boa gestão empresarial deve começar com “passos de bebê”, disse Susan McPherson — iniciativas que exigem pouco ou nenhum recurso, como ajudar os funcionários a encontrar oportunidades de voluntariado.

A falta de conhecimentos sobre como mudar o mundo não é obstáculo: uma empresa pode ser parceira de uma organização não governamental (ONG) ou de um órgão governamental para combinar o melhor de dois mundos, declarou Susan.

Pressão dos pares

Em países em desenvolvimento, empresas menores estão em posição particularmente delicada. São tentadas a obter lucro rápido cortando atalhos quando as regulamentações trabalhistas e ambientais são ineficientes ou a aplicação da lei é falha.

Mas essas táticas são imediatistas, disse Christine Arena. No longo prazo, os custos da má reputação ou da necessidade de limpeza ambiental podem custar muito à empresa.

O que uma empresa faz pode determinar padrões para todo um setor. “Há um tanto de pioneirismo em elevar o padrão”, disse Ryan Black, da Sambazon. Os concorrentes seguiram o exemplo quando a Sambazon introduziu práticas sustentáveis no Brasil e quando a Sorwathe fechou um acordo de negociação coletiva com seus trabalhadores em Ruanda.

O investimento em projetos socialmente responsáveis pode também resultar em tratamento favorável a uma empresa estrangeira por parte do governo local. Por exemplo, as relações do Transnational Automotive Group, de Nevada, com burocratas do governo de Camarões tornaram-se mais fáceis desde que a empresa de transporte começou a operar um sistema de ônibus subsidiado na capital Yaoundé.

Mas um segredo para empreendimentos estrangeiros bem-sucedidos é ganhar a confiança da comunidade local, de acordo com especialistas.

“Tendo a confiança dos habitantes locais”, disse Rohith Peiris, gerente-geral da Sorwathe, “todas as outras questões ficam em segundo plano”. ■ – A.Z.

TODAS AS EMPRESAS MENCIONADAS E DESCRITAS NO ARTIGO RECEBERAM O PRÊMIO DE EXCELÊNCIA CORPORATIVA CONCEDIDO PELO SECRETÁRIO DE ESTADO DOS EUA.

LIGANDO OS PONTOS:

TAMPA, FLÓRIDA ●; SAN CLEMENTE, CALIFÓRNIA ●; WESTPORT, CONNECTICUT ●

Olá, amantes da arte

LAUREN MONSEN



©MARK GULEZIAN

Nascida em Porto Rico, Taína Caragol acaba de conseguir um ótimo novo emprego. Ela é a primeira curadora de arte e história latino-americana da Galeria Nacional de Retratos em Washington. Taína planeja ampliar o acervo de artistas e temas latino-americanos do museu.

Vinculado ao Instituto Smithsonian, o museu está “começando a contar uma narrativa nacional mais inclusiva”, disse a curadora, e ela está ocupada em pensar quais retratos gostaria de acrescentar: a juíza da Suprema Corte dos EUA Sonya Sotomayor, de origem porto-riquenha, ou quem sabe o romancista vencedor do Prêmio Pulitzer Junot Díaz, imigrante da República Dominicana; o boxeador porto-riquenho Héctor “Macho” Camacho; ou a poeta feminista mexicano-americana Gloria Anzaldúa.

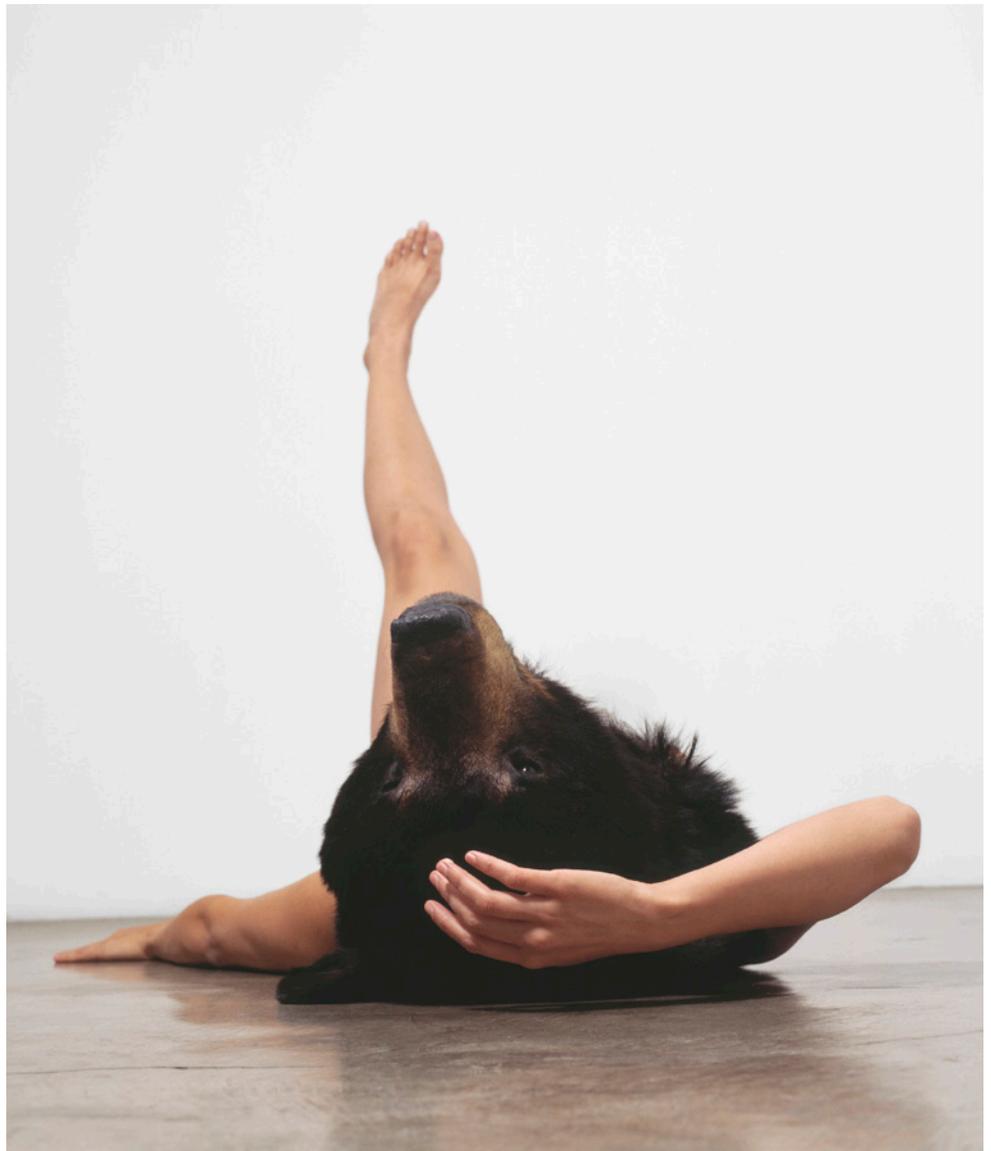
Além da pintura de retratos, Taína tem interesse em murais pintados durante os movimentos chicano e nuyoricano dos anos 1960 e 1970, liderados respectivamente por mexicano-americanos e porto-riquenhos vivendo em Nova York. Segundo a curadora, os artistas “expressaram a experiência de viver entre duas culturas — a do anfitrião e a do seu país de origem”.

Carlee Fernández

Taína: “Carlee trabalha muito com taxidermia e cria composições fantásticas. Seus trabalhos refletem sobre a qualidade escultural do objeto e a estranheza de sua forma, além do encantamento de ser ‘de algum outro lugar’.”

▼ **Bear Head Study II (Estudo de Cabeça de Urso II), 2004**

Carlee: “A série de estudos de ursos surgiu de uma análise de ambientes espaciais e da minha identidade. Tratando a pele do animal como cavidade e forma, desbastei gradualmente o reino animal, reduzindo-o a animais que eu podia adquirir e encaixar de maneira confortável. Escolhi um urso por conta dessas qualidades e por sua ferocidade e força. Eu me transformei no urso.”



CORTESIA: CARLEE FERNÁNDEZ

David Antonio Cruz

Taína: “Cruz confere uma perspectiva homossexual à experiência porto-riquenha da migração para os Estados Unidos — na qual figuras flutuam por espaços celestiais, cobertas de panos, porcelana e esmalte marrom que mais parece chocolate pingando. O efeito estético em geral é de caos e sensualidade.”

▲ **anechoastain, billylosthishead (umecoumamanha, billyperdeusuacabeça), 2009**

David: “Após passar alguns meses criando esculturas de brinquedo feitas com guloseimas, quis reproduzir aquele momento de brincadeira, decadência e fracasso por meio da pintura. Foi então que comecei a misturar videoarte, escultura e pintura. A paleta de cores, as formas, as vestimentas e os tons são tirados diretamente do vídeo que estava filmando, Echo.”



CORTESIA: DAVID ANTONIO CRUZ



CORTESIA: WANDA RAIMUNDI-ORTIZ

Wanda Raimundi-Ortiz

Taína: “Em suas pinturas **El Camino (O Caminho)** e **El Río (O Rio)**, a artista evoca antigas narrativas (...) de um Porto Rico rural. Suas figuras esboçadas de mulheres lavando roupa no rio (...) são ao mesmo tempo contundentes e frágeis, sugerindo o processo em segunda mão de reconstruir, por meio da imaginação, a memória de seus ancestrais e tentar reconciliá-la com a sua própria experiência como filha de porto-riquenhos da diáspora criada em Nova York.”

▲ **El Camino, 2012**

Wanda Raimundi-Ortiz: “Esta pintura explora o conflito de se sentir outsider, diferente no próprio país, ainda que tenha nascido e sido criada aqui. Ela lembra várias paradas durante a jornada para lavar roupa em um rio que nunca parece ter fim.”

Taína: “Luciano tem uma obra volumosa que reflete sobre a tensão entre a forte identidade cultural de Porto Rico e seu status como território dos Estados Unidos. Ele tem grande interesse nas tradições que apoiam essa identidade cultural e [como mudaram na] era contemporânea por meio da cultura de consumo.”

► **Plátano Pride (Orgulho da Banana), 2006**

Luciano: “Esta imagem celebra a banana-da-terra — um símbolo icônico, embora estereotipado, da cultura porto-riquenha e caribenha. Bananas-da-terra de verdade eram folheadas com platina. Os objetos exibem uma aparência imaculada, perfeita, enquanto a fruta real se decompõe no interior. Eles são apresentados como joias emblemáticas que transformam estigmas culturais em expressões de orgulho.”

▼ **Pimp My Piragua, (Incrementando Minha Carrocinha de Piragua), 2008**

Luciano: “[Estava] transformando uma tradicional carrocinha de piragua (raspadinha) em um móvel fantasia completo com alto-falantes, monitores de vídeo e luzes de neon, tudo isso enquanto continua a funcionar plenamente como uma carrocinha.”



CORTESIA: MIGUEL LUCIANO



COURTESY OF MIGUEL LUCIANO

LIGANDO OS PONTOS:

WASHINGTON, DC ●; NOVA YORK, NOVA YORK ●

Mágica, imortal e para adolescentes

A ficção para jovens adultos não costumava ser considerada um gênero. Atualmente esse tipo de ficção tem sua própria lista dos mais vendidos no jornal *The New York Times*. Em 2012, as vendas de ficção para jovens adultos em capa dura aumentaram 11% em relação ao ano anterior, atingindo US\$ 828,9 milhões.

“São livros do ponto de vista e da perspectiva do adolescente”, declarou John Sellers, da *Publishers Weekly*, revista especializada na indústria editorial americana. “São sobre jovens encontrando seu caminho na vida e encontrando seu caminho no seu mundo. E às vezes esse mundo tem vampiros.”

Os elementos fantásticos encontrados com frequência cada vez maior na literatura popular para jovens adultos tiveram seu maior impulso a partir de uma série de livros escritos a princípio para crianças mais jovens. A série *Harry Potter* da escritora inglesa J.K. Rowling começou como uma série infantojuvenil — para leitores de 8 a 12 anos, a idade aproximada dos personagens em seus primeiros anos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Mas a cada livro, os personagens (e os leitores) iam ficando mais velhos, e a série entrou no mundo emocionalmente mais complexo da ficção para jovens adultos, introduzindo a magia.

Séries extremamente populares como os quatro volumes da saga *Crepúsculo*, escrita por Stephenie Meyer, e a trilogia *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins, tomaram como base as tramas paranormais de *Harry Potter*, adicionando seus próprios elementos imaginativos ao gênero (vampiros e o pós-apocalipse, respectivamente). Embora esses livros continuem nas listas dos mais vendidos no mundo inteiro (e gerem inúmeras versões para o cinema), eles são apenas os exemplos mais conhecidos de um gênero repleto de histórias envolventes.

Escritores de ficção para jovens adultos têm atraído um público enorme em todo o mundo. O indiano Chetan Bhagat entrou em cena em 2004 com *Five Point Someone [Cinco Aponta para Alguém]*, e seus cinco romances subsequentes ajudaram a torná-lo o autor mais vendido em língua inglesa da história da Índia. A trilogia *Gem [Pedra Preciosa]*, de Kerstin Gier, foi sucesso primeiro em sua Alemanha natal e desde então tem conquistado muitos leitores nos EUA e em outros países. Os livros contam a história de uma menina de 16 anos que herdou um gene para viajar no tempo.

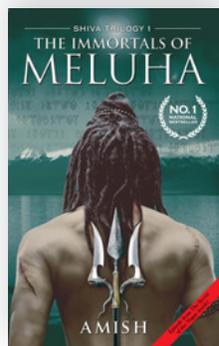
Os adultos são um dos motivos para que as vendas de ficção para jovens adultos tenham crescido tanto nos últimos anos. “Estamos em uma época dourada”, disse Sellers. “Existe realmente muita literatura de alta qualidade sendo escrita atualmente para adolescentes. Acredito que a linha [entre

ficção adulta e juvenil] está mais indistinta do que antes.” Na realidade, um estudo sobre consumidores mostrou que 55% dos títulos para jovens adultos são adquiridos por adultos fora do público-alvo do gênero (12 a 17 anos). Os dados indicaram que 78% compraram para si próprios, não para os filhos.

O aumento de leitores eletrônicos “ajudou a eliminar o constrangimento que um adulto poderia sentir ao ser visto em público com um livro supostamente destinado a adolescentes”, afirmou Sellers. O crescimento das vendas de ficção para jovens adultos em versões eletrônicas em 2012 foi 120% maior do que no ano anterior.

De acordo com Sellers, os adultos são atraídos pelo gênero porque o tema recorrente é o das primeiras experiências de vida. “Há uma certa nostalgia por essas primeiras experiências — momentos de descoberta e, mesmo se você odiasse o ensino médio, [um desejo] de voltar para quando tudo é profundamente sentido, emocionante e novo.” ■ – M.T.

Títulos para jovens adultos no mundo



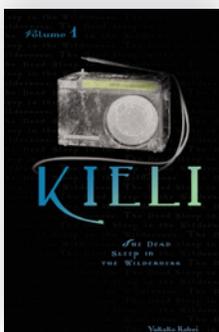
The Immortals of Meluha [Os Imortais de Meluha]

Amish Tripathi
Recriação da mitologia hindu que contrapõe um antigo império em extinção contra o mal indescritível.



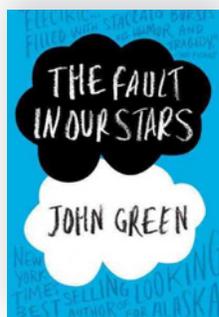
Code Name Verity [Codinome Verdade]

Elizabeth Wein
Durante a Segunda Guerra Mundial, uma jovem espiã britânica luta para sobreviver após ser capturada na França ocupada pelos nazistas.



Kieli

Yukako Kabei
Em um planeta em extinção num mundo *steampunk*, com tecnologia ultrapassada, uma adolescente solitária com o poder de ver fantasmas encontra um menino imortal.



The Fault in Our Stars [A Culpa É das Estrelas]

John Green
Número 1 na lista dos mais vendidos nos EUA, conta a história de dois adolescentes com câncer que se apaixonam.



Estudantes da Universidade do Alabama, em Tuscaloosa, treinam antes de um torneio de quadribol

Jovem adulto?

Que tipo de pessoa é capaz de vestir uma capa e correr de um lado para o outro, segurando uma vassoura entre as pernas?

“Ele atrai uma turma diferente da maioria dos outros esportes”, declarou Leslie Myint, cofundadora da equipe de quadribol da Universidade Johns Hopkins em Baltimore, “pessoas que saem para se divertir de forma peculiar”.

Qualquer leitor dos livros de Harry Potter sabe quão importante é o quadribol para o mundo da magia. Em 2005, um estudante da Faculdade Middlebury em Vermont resolveu que os trouxas comuns deveriam tentar praticá-lo.

Você talvez se surpreenda com a quantidade de alunos do ensino médio e de universitários que encontraram tempo para fazer uma pausa nos estudos e recriar um jogo tirado de um livro favorito.

De acordo com a Associação Internacional de Quadribol, há mais de mil equipes não oficiais desse esporte em todo o mundo e cem oficiais. Embora os EUA exibam o maior número de times (913), de acordo com a associação, o quadribol também é popular no Reino Unido, a terra natal de Harry Potter (68 equipes) e na Austrália (39). Existem também equipes em países como Rússia, China, Índia e Guiné Equatorial, entre outros.

É óbvio que um jogo que é realizado sobre vassouras voadoras e depende de balaços autopropulsados e de um pomo alado precisa de alguns ajustes no mundo sem magia. Os jogadores devem segurar a vassoura entre as pernas enquanto correm — não voam — de um lado para o outro do campo. Os balaços mágicos do livro são substituídos por bolas de queimada arremessadas por “batedores”. E o caprichoso pomo de ouro — a esfera alada cuja captura garante a vitória imediata em qualquer jogo de quadribol — é transformado em uma bola de tênis em uma meia medida para dentro do cinto do “corredor do pomo”.

“De certa forma, compararia o quadribol a um tipo de futebol americano menos violento”, afirmou Leslie “Há muita correria, e você tem de ser bastante ágil porque não é fácil segurar uma vassoura entre as pernas.”

A primeira Copa do Mundo de Quadribol foi realizada em 2005, em Middlebury, com dez equipes internas. Cinco anos depois, 46 equipes competiram no evento em Nova York diante de 15 mil espectadores. São números bem maduros. ■ – M.T.

LIGANDO OS PONTOS:

NOVA YORK, NOVA YORK ●; BALTIMORE, MARYLAND ●;
MIDDLEBURY, VERMONT ●; TUSCALOOSA, ALABAMA ●

Com a boca no trombone

MICHAEL KOZAK

Michael Kozak é assessor sênior de Democracia, Direitos Humanos e Trabalho do Departamento de Estado. Seu interesse no combate ao discurso de ódio teve início quando era aluno da Universidade da Califórnia, em Berkeley.



As pessoas falam besteiras o tempo todo, portanto, não deveria ser surpresa que as pessoas tuítem e postem no Facebook besteiras e até coisas odiosas, inclusive comentários racistas, antissemitas e antimuçulmanos.

Como a internet facilita novas maneiras de expressar opiniões, há um número cada vez maior de casos nos quais governos prenderam pessoas por fazerem comentários considerados inadequados — insultos a autoridades ou críticas às opiniões sobre religião apoiadas pelo governo. Os governos muitas vezes tentam justificar essas ações alegando estar combatendo o discurso de ódio.

As autoridades americanas consideram essa abordagem equivocada. Combatemos o discurso de ódio com mais discurso e com educação.

Nosso sistema baseia-se na ideia de que a livre troca de ideias estimula o entendimento, faz avançar a busca da verdade e permite refutar falsidades. Portanto, em resposta ao discurso de ódio, inclusive discursos racistas, antissemitas ou antimuçulmanos, os líderes americanos condenam manifestações de ódio e promovem a tolerância e o entendimento. Foi o que aconteceu quando um extremista ameaçou queimar o Alcorão. Líderes da comunidade inter-religiosa, grupos da sociedade civil e do governo — inclusive o presidente Obama — condenaram a ameaça odiosa e enfatizaram a diversidade e a proteção dos direitos civis nos Estados Unidos, entre eles, a liberdade religiosa. Essa reação da sociedade tem o efeito de isolar uma pessoa com ideias odiosas e ao mesmo tempo promover a tolerância e erradicar preconceitos.

Enquanto isso, as leis que proíbem o discurso de ódio quase sempre são usadas para silenciar os críticos ou oprimir as minorias. Dar ao governo tal poder quase inevitavelmente leva ao abuso. Os governos que tentam policiar as palavras das pessoas obtêm o resultado oposto em termos de tolerância e entendimento:

- A proibição do discurso não o faz desaparecer. Na verdade, as proibições podem ser contraproducentes, aumentando de maneira significativa o perfil do discurso ofensivo e fazendo com que haja uma exacerbação das ideias odiosas.
- A proibição do discurso torna as pessoas dependentes do governo para julgar o que é apropriado. O resultado é uma falta de aprendizado social que impossibilita que o sentimento de ódio seja confrontado.

Continuamos a promover nosso modelo de combate ao discurso de ódio e a proteger os direitos humanos no exterior. Esperamos que vocês se unam aos esforços para promover a tolerância e os direitos humanos no mundo. ■

tudo sobre inglês



APOCALYPSE (APOCALIPSE) |

um grande desastre, evento repentino e ruim que causa muito medo, perda ou destruição, p. 30

BY THE WAYSIDE (EM SEGUNDO PLANO) |

... em um estado não mais considerado, usado, etc., p. 25

COLLEGE (FACULDADE) |

escola nos EUA frequentada depois do ensino médio, escola que oferece cursos com diploma (como diploma de bacharel ou diploma de curso superior de curta duração), p. 10

COMPLIMENT (ELOGIO) |

comentário que diz alguma coisa boa sobre alguém ou alguma coisa; ação que expressa admiração ou aprovação..., p. 8

COPYCAT (IMITAÇÃO) | ... algo muito similar a outra coisa, p. 8

HIT THE GROUND RUNNING (COMEÇAR A TODO VAPOR) |

começar um esforço ou atividade de maneira rápida, enérgica e eficaz, p. 19

HOLISTIC (HOLÍSTICO) |

relativo a sistemas completos e não partes individuais, p. 21

IMBUE (IMBUIR) |

fazer com que alguém ou algo seja profundamente afetado por um sentimento ou ter uma determinada qualidade, p. 19

INTERDEPENDENT (INTERDEPENDENTE) |

relacionados de tal maneira que cada um precisa ou depende do outro, p. 14

METRIC (MÉTRICA) |

do, relacionado com ou baseado no sistema métrico, p. 14

NUDGE (CONVENCER) |

... incentivar alguém a fazer alguma coisa, p. 19

OUTLYING (AFASTADO) | distante do centro de um local, p. 5

PARANORMAL | muito estranho e impossível de ser explicado com base no conhecimento científico sobre a natureza e o mundo, p. 30

PERSPECTIVE (PERSPECTIVA) | maneira de pensar e entender alguma coisa (como um questão particular ou a vida em geral) ..., p. 21, 27, 30

PLOY (MANOBRA) | truque ou plano inteligente usado para obrigar alguém a fazer alguma coisa ou obter vantagem sobre alguém, p. 22

PREDECESSOR | algo que vem antes de outra coisa, p. 5

REMEDIAL (REFORÇO) | feito para corrigir ou melhorar alguma coisa. ... envolve alunos que precisam de ajuda especial para melhorar seu desempenho em determinada matéria, p. 10

STEWARDSHIP (GESTÃO) | atividade ou trabalho que envolve proteger e ser responsável por alguma coisa, p. 19

SYNERGY (SINERGIA) | a maior eficácia que resulta quando duas ou mais pessoas ou empresas trabalham juntas, p. 23

TINKER (FAZER EXPERIÊNCIAS) | tentar consertar ou melhorar alguma coisa (como uma máquina) fazendo pequenas mudanças ou ajustes, p. 13

TRADE-OFF (OPTAR, TROCAR) | abrir mão (de algo que se quer) em troca de outra coisa, p. 14

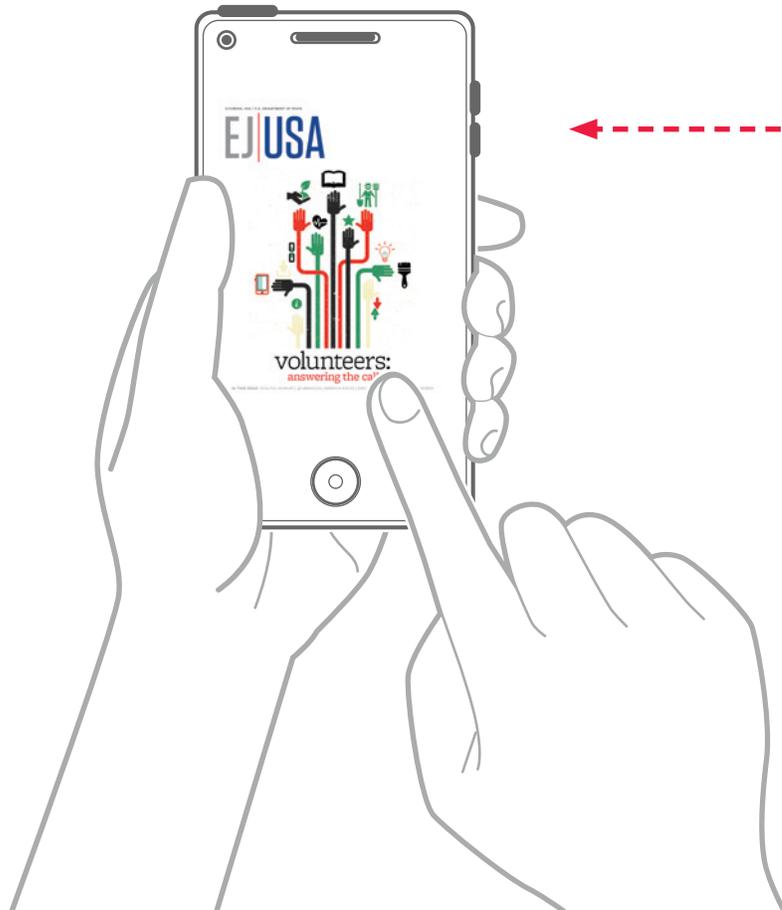
USADO COM AUTORIZAÇÃO DE MERRIAM-WEBSTER'S LEARNER'S DICTIONARY ©2013 E MERRIAM-WEBSTER INC. (WWW.LEARNERSDICTIONARY.COM).

LIGAND OS PONTOS



MAPA ADAPTADO DE EVE STECCATI

surf **US**



ejUSA.state.gov

sobre os EUA | on-line | o tempo todo



Embaixada dos Estados Unidos da América



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS
BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS